



EVANGELHOS



Missão

Promover um ensino que permita o desenvolvimento do indivíduo de modo integral, visando sua autonomia intelectual e a autorrealização, formando profissionais críticos e reflexivos com visão generalista e multidisciplinar, conscientes de seu papel social.”



Valores

A confiança, sensibilidade, flexão, justiça, honestidade, autodesenvolvimento, respeito ao próximo e percepção, empatia, descentralização e nobreza de espírito.”



Visão de futuro

Ser uma Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida pela excelência nos serviços educacionais, meios para que a sua comunidade acadêmica realize, em sua plenitude, as legítimas aspirações da pessoa humana, atuando em perfeita sintonia com a sociedade apoiada em valores éticos inalienáveis, buscando sempre a racionalização de recursos e a otimização de resultados, comprometida com as transformações do seu tempo.

Princípios institucionais

- ❖ Ética, consciente de sua responsabilidade social e compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
- ❖ Atuante no resgate da cidadania, na formação do cidadão como ser ético e político, consciente de suas responsabilidades, de seus direitos e deveres;
- ❖ Aglutinadora, aberta a todo o saber, crítica, criativa e competente;
- ❖ Comprometida com resultados;
- ❖ Aberta a parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração;

SOBRE O AUTOR:**Prof. Me. Vamberto Marinho de Arruda Junior****FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Atualmente cursa o doutorado em Teologia na PUC-SP e pós-graduação em Sagradas Escrituras como alma da Teologia Judaico-Cristã no Centro Cristão de estudos Judaicos (CCDEJ -SP). Mestre em Teologia pela PUC-SP (2022). Mestre em Interpretação e Ensino da Bíblia (Intra-corpus) pelo SALT-UNIAENE (2014), pós-graduado em Interpretação e Ensino da Bíblia, pelo SALT-UNIAENE (2014). Bacharel em Teologia – SALT-UNIAENE (2003). Professor conteudista de teologia no CCDEJ-SP. Pesquisa principalmente os seguintes temas: Evangelhos Sinóticos, Evangelho de Lucas, Análise Pragmalinguística das Sagradas Escrituras, Hermenêutica, Homilética.

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material didático destina-se aos alunos do curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA. Para a formação profissional do teólogo, a disciplina de Evangelhos é fundamental, focando especificamente os Evangelhos Sinóticos—Mateus, Marcos e Lucas. Esta abordagem é essencial para compreender a estrutura, os temas principais e as peculiaridades de cada um desses textos. O Evangelho de João, com suas características distintas, não será abordado neste curso, permitindo uma análise aprofundada e mais detalhada dos Sinóticos e seu papel no contexto cristão. Esse estudo não só enriquece o repertório cristão, mas também aprofunda a capacidade de interpretar e ensinar as mensagens centrais do cristianismo.

Na Unidade 1 “INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS SINÓTICOS”, você vai estudar as propostas de definições do gênero Evangelho. Após essa definição vem outra – o conceito de Evangelhos Sinóticos. Logo após o foco é a introdução ao mundo dos sinóticos, que passa por seu contexto histórico-cultural e pelo que ficou definido como o problema sinótico, problema que tem a ver com a formação dos Evangelhos Sinóticos, sua dependência de fontes e sua formulação escrita.

Na Unidade 2 “INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS”, você vai conhecer um pouco do Evangelho de Mateus, explorando sua estrutura, mensagem central e temas teológicos principais, como a cristologia e o Reino dos Céus. A unidade destaca as singularidades de Mateus em relação aos outros Evangelhos Sinóticos e analisa conflitos sobre autoridade e questões eclesiológicas. Além disso, serão propostas aplicações práticas focadas em ética, caridade e lealdade, fundamentadas nos ensinamentos do Sermão do Monte e nas passagens de Mateus 25 e 10.

Na Unidade 3 “INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS”, você terá uma visão geral do Evangelho de Marcos, enfatizando suas características distintivas em relação a Mateus e Lucas. A unidade examina a estrutura narrativa de Marcos, sua ênfase no discipulado, e os temas teológicos centrais, como fé, inclusão e exclusão. Também será abordada a questão do comando ao silêncio e a jornada de Jesus, que são elementos cruciais para entender a mensagem do Evangelho. Além disso, a unidade propõe aplicações práticas que incentivam a vivência da fé e o compromisso com a

comunidade, fundamentadas nas ações e ensinamentos de Jesus descritos por Marcos.

Na Unidade 4 “INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE LUCAS”, você terá uma visão geral do Evangelho de Lucas destacando suas particularidades em relação aos outros Evangelhos Sinóticos. A unidade examina a estrutura narrativa de Lucas, com foco em sua ênfase na universalidade da salvação e no papel central dos marginalizados, como pobres, mulheres e gentios. Serão explorados os principais temas teológicos, como a oração, a misericórdia divina e a pneumatologia. Além disso, a unidade apresenta aplicações práticas que incentivam a vivência da fé em comunidade, a valorização do próximo e a construção de um Reino de Deus acessível a todos, conforme ensinado e exemplificado por Jesus no Evangelho de Lucas.

O conteúdo proposto não esgota a discussão sobre tal temática, pelo contrário, toda a matéria aqui apresentada é de caráter introdutório. Para aprofundamento sugiro pesquisas em introduções de bons comentários bíblicos, introdução ao Novo Testamento, Teologias do Novo Testamento, livros sobre os Evangelhos, artigos em bons dicionários teológicos, artigos em revistas especializadas, dissertações e teses. Quero incentivar a reflexão e a pesquisa para a construção de novos saberes sobre a temática. Sucesso e bons estudos!

Prof. Vamberto Marinho de Arruda Junior

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR:	3
FORMAÇÃO ACADÊMICA	3
APRESENTAÇÃO	4
UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS SINÓTICOS	8
1. Abertura e Apresentação	8
2. Conceito de Evangelhos Sinóticos	11
3. Contexto Histórico-Cultural	13
4. Escrita dos Evangelhos	18
5. Estrutura e Conteúdo dos Evangelhos Sinóticos	22
6. Leitura Comparativa na Bíblia de Jerusalém	23
INDICAÇÃO DE VÍDEO:	23
LEITURA COMPLEMENTAR	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
UNIDADE 2 - INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS	25
1. Abertura e Apresentação	25
Autoria	26
Propósitos do Evangelho	30
Estrutura	31
2. Os Pontos de convergência e as singularidades de Mateus para com Marcos e Lucas	32
3. Principais temas teológicos do Evangelho de Mateus	35
4. Sugestões de aplicações práticas da Teologia de Mateus	39
INDICAÇÃO DE VÍDEOS:	40
LEITURA COMPLEMENTAR	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
UNIDADE 3 - INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS	42

1. Abertura e Apresentação	42
Pontos contrários à autoria de João Marcos:	43
Propósitos do Evangelho:	45
2. As singularidades de Marcos para com Mateus e Lucas	47
3. Principais Temas Teológicos do Evangelho de Marcos	51
4. Sugestões de aplicações práticas da Teologia de Marcos	54
INDICAÇÃO DE VÍDEO:	56
LEITURA COMPLEMENTAR.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
UNIDADE 4 - INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE LUCAS	58
1. Abertura e Apresentação	58
Propósitos do Evangelho:	61
2. As singularidades de Lucas para com Mateus e Marcos	64
3. Principais Temas Teológicos do Evangelho de Lucas	68
Cristologia:	71
Títulos Cristológicos e Soteriologia	71
4. Sugestões de aplicações práticas da Teologia de Lucas.....	74
INDICAÇÃO DE VÍDEOS:.....	76
LEITURA COMPLEMENTAR.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78

UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO AOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Objetivos da Unidade:

1. Apresentar o conceito de Evangelhos Sinóticos.
2. Explorar o contexto histórico-cultural desses textos.
3. Introduzir a teoria das fontes e a relação entre Mateus, Marcos e Lucas.

1. Abertura e Apresentação

- O que são os Evangelhos?

“A palavra grega *euangelion* (evangelho) significa “boas novas”. Antes do NT ser escrito, o termo geralmente se referia a notícias como o anúncio da vitória militar de um imperador. No NT, o termo se refere às boas notícias da mensagem proclamada por Jesus” (Klein; Blomberg; Hubbard Jr, 2017, p. 634). Além das boas notícias proclamadas por Jesus, o termo também se refere às boas notícias sobre o próprio Jesus (obras, ministério, vida, morte, ressurreição e ascensão).

O que são os Evangelhos: Qual o seu gênero literário? Antes de mais nada, tem-se a definição de gênero literário e sua importância.

Gênero literário é uma categoria de composição literária que agrupa obras com características similares de forma, estilo, conteúdo e propósito. Essas características ajudam a definir e classificar textos, facilitando a análise e a compreensão literária.

Principais Gêneros Literários:

1. **Narrativo:** Inclui obras que contam uma história com personagens, trama e cenário. Exemplos incluem romances, contos, fábulas e épicos.
2. **Lírico:** Caracterizado pela expressão de sentimentos e emoções pessoais, geralmente em forma de poesia. Exemplos incluem sonetos, odes e haikus.
3. **Dramático:** Composto por obras destinadas a serem encenadas, como peças de teatro. Inclui tragédias, comédias e dramas.
4. **Didático:** Inclui textos que têm como principal objetivo instruir ou educar. Exemplos incluem ensaios, tratados, manuais e fábulas com lição de moral.

Importância dos Gêneros Literários:

- **Organização e Classificação:** Ajuda a organizar e classificar a vasta produção literária, facilitando o estudo e a análise crítica.
- **Expectativa do Leitor:** Guiam as expectativas do leitor sobre o que esperar em termos de estrutura, estilo e conteúdo.
- **Análise Crítica:** Oferecem um framework para a análise crítica, ajudando a identificar temas, técnicas e significados dentro de um texto.
- **Estudos Comparativos:** Permitem comparações entre obras do mesmo gênero, enriquecendo a compreensão e o diálogo literário.

Sobre o gênero dos Evangelhos - ao longo da história já propuseram que fossem: 1. Aretologias (relatos de episódios da vida de um ‘homem divino’); 2. Um novo gênero criado – Evangelho; 3. Categorias literárias como tragédia, comédia, relato épico; 4. *Midrash*; 5. *Kerygma* expandido; 6. Material do tipo litúrgico como um lecionário; 7. Baseando-se em parte de Marcos, que seja uma Parábola ou um Apocalipse; ou baseando-se em João, o descreveram como um Drama.¹

Burridge (2013, p. 340) defende que, hoje, há um consenso a partir do qual se entende o gênero dos Evangelhos como o de uma biografia antiga greco-romana, algo que ele mesmo, através dos seus estudos, ajudou a fixar. Posição esta que Klein, Blomberg e Hubbard Jr. (2017) refinam. Citando Guelich, eles usam duas categorias de identificação – forma e matéria (conteúdo):

Formalmente, o evangelho é o relato narrativo sobre a vida pública e o ensino de uma pessoa importante que é composto de unidades tradicionais *discretas* colocadas no contexto das Escrituras [...] *Materialmente*, o gênero consiste na mensagem de que Deus estava em ação na vida, na morte e na ressurreição de Jesus levando a efeito as suas promessas encontradas nas Escrituras (Robert Guelich apud in Klein; Blomberg; Hubbard Jr, 2017, p. 637).

¹ Para os detalhes dessas classificações veja BLOMBERG, C. L. **Jesus and the Gospels**: An Introduction and Survey. 2nd. Ed. Nashville: B&H Academic, 2009, p. 121-122; BLOMBERG, Craig L. **A confiabilidade histórica dos Evangelhos**. São Paulo: Vida nova, 2019, p. 321-330; AUNE, D. E. **The New Testament in its literary environment**. Philadelphia: The Westminster Press, 1989, os capítulos 1 e 2, em que, no 1, ele apresenta a digressão histórica, bem como apresenta a sua posição, algo que dedica o espaço de todo o capítulo 2 para explicitá-la; BURRIDGE, R. A. **Gospel: Genre**. In: GREEN, J. B.; BROWN, J. K.; PERRIN, Nicholas. (ed.). **Dictionary of Jesus and the Gospels**. 2nd. ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 335-337; GUIJARRO, Santiago. A investigação recente sobre os Evangelhos: consensos e novas interrogações. **Theologica**, Braga, v. 53, n. 1-2, 2018, p. 145-147; KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica**: a tríade hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 344-346.

Com base nessa declaração, eles asseveram: “formalmente’, os Evangelhos têm semelhanças com outras literaturas; ‘materialmente’, eles demonstram ser somente cristãos. Talvez seja melhor, portanto, chamá-los de *biografias teológicas*” (Klein; Blomberg; Hubbard Jr, 2017, p. 637).

Assim, de maneira geral, os Evangelhos são classificados como Biografias Teológicas. No entanto, isso não impede que cada Evangelho contenha múltiplos gêneros literários dentro dessa classificação geral (cada gênero com suas características próprias), tais como:

- Narrativa histórica
- Discurso didático
- Parábolas
- Milagres
- Hinos
- Profecias
- Ditados ou máximas
- Relatos de paixão
- Genealogias

Os Evangelhos, classificados como biografias teológicas², combinam elementos formais e materiais para transmitir a mensagem central do cristianismo. Embora compartilhem características com outras literaturas antigas em termos de estrutura narrativa e uso de unidades tradicionais, seu conteúdo se distingue pela ênfase na ação divina na vida, morte e ressurreição de Jesus. Essa combinação de forma narrativa e conteúdo teológico não apenas relata eventos históricos, mas também interpreta esses eventos à luz das Escrituras, destacando o cumprimento das promessas divinas. Portanto, ao descrever os Evangelhos como biografias teológicas, reconhece-se sua função dupla: informar sobre a vida de Jesus e apresentar uma mensagem de fé e esperança, exclusiva do cristianismo. Esta abordagem torna os

² Não mera biografia, pois não detalha todos os pormenores da vida de Jesus (nascimento, infância, adolescência, fase adulta, educação, detalhamento da família, trabalho etc.) como reforça Rice: “Todos os quatro evangelhos relatam várias partes da vida e ministério de Jesus. É claro que eles não contêm um relatório completo, porque são demasiado breves para serem o que comumente chamamos de biografia. De fato, o apóstolo João conclui o seu evangelho com a observação: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (Jo 21:25)”. RICE, George E. Interpretação dos Evangelhos e das epístolas. In: REID, George W. (ed.). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2007, p. 205.

Evangelhos únicos dentro da literatura antiga, servindo tanto como relatos históricos quanto como testemunhos teológicos.

2. Conceito de Evangelhos Sinóticos

Os Evangelhos Sinóticos, termo cunhado pela primeira vez por J.J. Griesbach em 1776, referem-se aos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, que podem ser vistos “num único olhar”. Griesbach, em sua obra *Synopsis evangeliorum*, buscou uma forma de apresentar esses três textos de modo que suas semelhanças e diferenças pudessem ser comparadas lado a lado, revelando a interconexão e a harmonia entre eles, refletindo a ideia de que esses Evangelhos podem ser estudados conjuntamente devido à grande sobreposição de conteúdo. Carson e Moo explicam o termo e porque Griesbach o escolheu:

O adjetivo “Sinótico” vem do grego συνόψις (*synopsis*), que significa “ver em conjunto”. Griesbach escolheu a palavra em decorrência do alto grau de semelhanças encontradas entre Mateus Marcos e Lucas em suas Apresentações do Ministério de Jesus essas semelhanças que envolvem estrutura conteúdo de enfoque são visíveis mesmo ao leitor desatento elas servem não apenas para unir os três primeiros evangelhos, mas também para distingui-los do evangelho de João (Carson; Moo, 2024, p. 101).

Essa visão de unidade entre os Evangelhos Sinóticos também foi antecipada por Agostinho de Hipona em sua obra *De consensu evangelistarum*, escrita em 399, onde ele defendeu que os Evangelhos foram escritos na ordem em que aparecem no Cânon: Mateus, Marcos e Lucas. Agostinho argumentava que, apesar de suas diferenças, esses textos revelam uma coerência essencial, testemunhando a vida e o ministério de Jesus de maneiras complementares. Assim, tanto Griesbach quanto Agostinho contribuíram para a compreensão dos Evangelhos Sinóticos como textos interrelacionados, cuja análise conjunta enriquece a compreensão da mensagem cristã.

Diferente dos Evangelhos Sinóticos, o Evangelho de João apresenta uma narrativa mais teológica e reflexiva, focando mais na identidade divina de Jesus, embora também foque na questão temporal do ministério de Jesus. João inclui discursos e sinais únicos, oferecendo uma perspectiva distinta que complementa, mas

também contrasta, com os relatos de Mateus, Marcos e Lucas. Essa singularidade faz de João um testemunho complementar, como explica Rice:

Enquanto Mateus, Marcos e Lucas apresentam uma visão comum da vida de Jesus, João está à parte. Seu evangelho é uma descrição que preenche as lacunas deixadas pelos outros três escritores. Mas, mesmo assim, lembre-se de que com os quatro evangelhos ainda não temos um relato completo da vida de Jesus. Os evangelhos sinóticos provavelmente foram escritos uns vinte e cinco ou trinta anos após a ascensão de Jesus. João foi escrito em algum tempo durante a última década do primeiro século d.C. De sua posição vantajosa ele podia ver quais eram os eventos importantes que haviam sido omitidos pelos outros três, e assim ele os partilha conosco [...] O evangelho de João é muito importante para nossa compreensão global da vida e ministério de Jesus por três razões: (1) seu registro é constituído grandemente de eventos que os sinóticos não mencionam. Assim, existem poucas semelhanças; (2) quando ele registra um evento que tem semelhança com os sinóticos, acrescenta detalhes que resultam numa compreensão mais completa do que ocorreu; (3) ele nos dá uma estrutura cronológica do tempo para o ministério de Jesus (Rice, 2007, p. 208; 210).

Como então ler esses Evangelhos Sinóticos? Existem duas abordagens principais: 1) A leitura comparativa, utilizando uma Sinopse dos Evangelhos, e 2) A leitura completa de cada Evangelho individualmente. Klein, Blomberg e Hubbard Jr. (2017) chamam esses métodos de leitura horizontal e leitura vertical, respectivamente, e demonstram como aplicá-los aos quatro Evangelhos.:

Quadro 1 – Leitura horizontal e vertical dos Evangelhos

HORIZONTALMENTE ▲▼					
↑ V E R T I C A L M E N T E	Mateus	Marcos	Lucas	João	↑ V E R T I C A L M E N T
	1	1	1	1	
		6:32-44 5000 alimentados		6:1-15 5000 alimentados	
	14:13-21 5000 alimentados		9:10-17 5000 alimentados		
	28	16	24	21	

--	--	--	--	--	--

Fonte: Klein; Blomberg; Hubbard Jr, 2017, p.642.

Segundo os referidos autores, a leitura vertical deve ter prioridade sobre a leitura horizontal, pois “qualquer passagem nos Evangelhos deve ser interpretada à luz da estrutura geral e dos temas daquele evangelho, apesar da natureza de qualquer relato paralelo que apareça em outros Evangelhos” (Klein; Blomberg; Hubbard Jr, 2017, p. 642). Ou seja, cada evangelista tem sua organizou seu Evangelho de acordo com uma estrutura própria e cada parte está entrelaçada de modo a fortalecer o ponto ou pontos centrais que o Evangelho quer realçar. Klein, Blomberg e Hubbard Jr. (2017, p. 640-641) reforçam esse ponto ao escreverem: “a interpretação e aplicação de uma passagem dos Evangelhos em particular deve destacar a ênfase diferenciada do Evangelho em que a passagem aparece, em vez de ocultar os seus destaques misturando-os com outras passagens paralelas.”

3. Contexto Histórico-Cultural

Essa seção gira em torno do aspecto histórico-cultural, cujo foco aqui é o aspecto geográfico, político e religioso do povo de Israel, na época do que é chamado período do Segundo Templo (séc. VI a.C. a séc. I d. C.), com o ajuste voltado para os anos finais do séc. I a.C e as décadas iniciais do séc I d.C.

A geografia da Palestina (termo usado aqui não para se referir à atual região da Palestina, mas as regiões que são descritas a seguir, no tempo de Jesus era marcada por uma diversidade de regiões, cada uma com suas características físicas, culturais e históricas. **As principais áreas** incluíam a Transjordânia (ao leste) com a Pereia e a Decápole grega; e, a Cisjordânia ao oeste com as regiões da Galileia, Samaria e Judeia. Aqui está uma breve descrição de cada uma:

Transjordânia

- **Localização:** Ao leste do rio Jordão.
- **Características:** A Transjordânia incluía as regiões de Decápolis e Pereia. Era uma área de planaltos e vales profundos, com uma mistura de influências culturais gregas e semíticas. Decápolis era uma liga de dez cidades com forte

influência helenística, enquanto Pereia era mais rural e era governada por Herodes Antipas, assim como a Galileia. Jesus também ministrou nesta região, especialmente em Pereia.

Cisjordânia

- **Localização:** Refere-se à área a oeste do rio Jordão, abrangendo partes da Galileia, Samaria e Judeia.
- **Características:** A Cisjordânia é uma região de terreno montanhoso e colinas, com vales férteis. Durante o tempo de Jesus, era uma área de grande significado cultural e religioso, incluindo muitas das cidades e vilas onde ele pregou e realizou milagres. A região também tinha rotas comerciais importantes que conectam diferentes partes da Palestina.

Galileia

- **Localização:** Situada ao norte da Palestina.
- **Características:** A Galileia era uma região montanhosa e fértil, com colinas verdes e vales produtivos. Era conhecida por sua agricultura, pesca (especialmente ao redor do Mar da Galileia) e produção de vinho e azeite. A região era culturalmente diversa, com uma população composta por judeus e gentios. As cidades mais importantes incluem Nazaré (onde Jesus cresceu) e Cafarnaum (onde realizou muitos de seus ensinamentos).

Samaria

- **Localização:** Ao centro da Cisjordânia, entre a Galileia ao norte e a Judeia ao sul.
- **Características:** Samaria era uma região montanhosa com uma população mista de judeus e samaritanos, que tinham suas próprias práticas religiosas e eram vistos com desconfiança pelos judeus da Judeia. A cidade de Siquém, localizada em Samaria, era um importante centro religioso para os samaritanos, porém o seu ponto mais importante era o monte Gerizim (ou Garazim) onde havia um templo que rivalizava com o de Jerusalém. A relação entre judeus e samaritanos era marcada por tensão e conflito.

Judeia

- **Localização:** Ao sul da Palestina.

- Características:** A Judeia era o coração político e religioso da Palestina, abrigando Jerusalém, a cidade sagrada dos judeus, e o Templo. A região era mais árida e montanhosa do que a Galileia, com desertos ao leste, mas também possuía áreas férteis, especialmente em torno de Jerusalém e ao longo das colinas. A Judeia era o centro do poder romano na Palestina e o local dos principais eventos da vida de Jesus, incluindo sua crucificação.

Ao se falar de ambiente político na Palestina nos dois últimos séculos a.C e no primeiro d.C. se encontram duas fases principais de domínio: o período asmoneu (ou hasmoneu ou asmoniano) e o domínio romano. Abaixo está uma descrição básica desses períodos, seguida de dois quadros que demonstram essas governanças:

Período Asmoneu: Começou com a revolta dos Macabeus e resultou em um breve período de independência judaica, marcado por expansão territorial e conflitos internos.

Domínio Romano: A intervenção de Pompeu em 63 a.C. deu início ao domínio romano, que se consolidou com Herodes e culminou na destruição de Jerusalém. Uma descrição do culmina com a expulsão dos judeus da Palestina é dada por Pinto:

A região da Palestina esteve unificada durante o reinado de Herodes, o Grande (37-4 a.C.) e por três anos (41-44) durante o reinado de Agripa I. O reino de Agripa II não inclui a Judeia e, embora tenha subsistido até a destruição de Jerusalém, nada mais era que uma fachada para o governo Romano (de que ele foi ferrenho aliado). Depois da primeira revolta (66-70), a região foi organizada como uma província imperial – *Palaestina* – e governada por um legado imperial residente em Cesareia. A decisão de Adriano de converter o território de Israel numa colônia romana precipitou a segunda revolta (liderada por Bar Kochba, 132-135). Depois dessa revolta ter sido sufocada, os judeus foram expulsos e a região se tornou uma colônia romana, com o nome de *Colonia Aelia Capitolinia* (Pinto, 2021, p. 21).

Quadro 2 – Governo Asmoneu na Palestina

GOVERNANTES ASMONIANOS NA PALESTINA		
GOVERNANTES	DATAS	EVENTOS PRINCIPAIS
Simão Macabeu	143-135	Independência da Síria.
João Hircano	135-104	invasão Síria. Aliança com Roma e reconquista da Independência. Expansão territorial. Cunhagem de moedas.

Aristóbulo I	104-103	Conquista da Galileia.
Alexandre Janeu	103-76	Conquistas territoriais. Lutas internas. Perdas de território para os nabateus.
Salomé Alexandra	76-67	Crescimento da influência dos fariseus.
Aristóbulo II	67-63	Luta fratricida contra o Hircano II. Roma intervém e termina a soberania da Judeia.
Hircano II	63-40	Líderes perdem o título de rei, retendo apenas o sumo sacerdócio. Crescimento do controle idumeu sobre a política judaica.
Antígonos	40-37	Conflito contra Hircano II. Roma designa Herodes como rei. Antígonos é decapitado. Fim da linhagem asmoniana pura.

Fonte: Pinto, 2021, p. 18

Quadro 3 – Domínio palestino de Herodes, seus descendentes e Roma

ÁREA GEOGRÁFICAS E DISTRITOS ADMINISTRATIVOS DA PALESTINA GOVERNADOS PELOS HERODES		
SUL Samaria, Judeia e Idumeia	NORTE – LESTE Galileia e Pereia	NORDESTE Itureia, Traconite, Gaulanite, Auranite, Bataneia
Herodes, o Grande 37-4 a.C.		
Arquelau 4 a.C.- 6 A.D.	Antipas 4 a.C.- 39 A.D.	Filipe 4 a.C.- 34 A.D.
Governadores romanos 6-41 A.D.		Governadores romanos 34-37
	Agripa I 39-44	Agripa I 37-44
Agripa I 41-44		
Governadores romanos 44-66	Governadores romanos 44-53	Governadores romanos 44-56
	Agripa II 53-66	Agripa II 53-66
Rebelião dos Judeus contra Roma 66-70		
Província da Palaestina 70-135		
Colonia Aelia Capitoliniae		

depois de 135

Fonte: Pinto, 2021, p. 20

Concluindo esta seção sobre o contexto histórico-cultural, são apresentados os grupos religiosos que existiam na Palestina no século I d.C. Durante o século I d.C., o cenário religioso e político da Palestina era marcado pela presença de vários grupos que, embora unidos pela fé em um único Deus, apresentavam visões distintas sobre a prática da religião e a relação com o poder político.

1. **Saduceus:** Eram a elite religiosa e política de Jerusalém, incluindo sacerdotes e famílias ricas e influentes. Conservadores em suas crenças, eles seguiam estritamente a letra das Escrituras e rejeitavam tradições orais e desenvolvimentos doutrinários, como a ressurreição dos mortos. Defensores do status quo, os saduceus mantinham uma jurisprudência rigorosa e desapareceram com a destruição do Templo em 70 d.C., pois sua influência estava diretamente ligada ao culto no Templo.
2. **Fariseus:** Este grupo, cujo nome significa "separados", era composto por pessoas devotas que seguiammeticulosamente as leis de pureza ritual. Organizados em grupos de estudo e prática, eles influenciavam fortemente o povo, pois dominavam o culto nas sinagogas. Os fariseus acreditavam na soberania de Deus, mas também no livre-arbítrio humano. Ensinavam que após a morte, os indivíduos seriam julgados, com destino ao paraíso, purgatório ou inferno, e aguardavam o estabelecimento do Reino de Deus.
3. **Essênios:** Vivendo à margem da sociedade, os essênios eram grupos ascéticos que valorizavam a pureza e a obediência à Lei. Alguns estudiosos os identificam como os habitantes de Qumran, onde foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto. Eles viviam em comunidades isoladas, praticando uma vida de oração, estudo e trabalho. Desprezavam tanto os saduceus quanto os fariseus, e sua influência foi significativa, apesar de estarem fisicamente afastados do centro da vida judaica.
4. **Zelotas:** Este grupo militante defendia a liberdade de Israel contra o domínio romano, acreditando que só Deus era o verdadeiro soberano. Os zelotas eram

conhecidos por sua violência e pelo uso de punhais para assassinar colaboradores romanos. Sua revolta contra Roma culminou na Grande Revolta Judaica (66-73 d.C.), que resultou na destruição de Jerusalém e na perda da autonomia política judaica.

Além desses grupos principais, havia movimentos menores, como os seguidores de João Batista, que pregavam o arrependimento e a purificação através do batismo. A Palestina na época de Jesus era um mosaico de crenças e práticas, todas unidas pela fé no único Deus de Israel, mas divididas na forma de expressar e viver essa fé.

4. Escrita dos Evangelhos

Os Evangelhos sinóticos por causa de sua estrutura e narrativa similares têm causado um debate ao longo dos séculos sobre a questão da escrita, se há dependência de um sobre o outro, se há sobreposição, dependência de outra fonte etc., “a questão específica da relação literária entre os Sinóticos tem sido chamada de Problema Sinótico e tem levantado várias e diferentes hipóteses como resposta” (Blomberg, 2019, p. 43).

Inicialmente, precisa-se entender um pouco do processo de formação dos Evangelhos. Alexandre Júnior (2021, p. 156-157) fala de três etapas: 1. O ministério público de Jesus – obras e palavras, 2. A proclamação do Evangelho [de forma oral] pelos Apóstolos, 3. A escrita dos Evangelhos. Ao refletir sobre o momento da transmissão (ou tradição) oral, Rice declara: “Não há nenhuma evidência de que os escritores dos evangelhos receberam sua informação acerca do ministério de Jesus por meio de visões ou sonhos inspirados³” (Rice, 2007, p. 209). E, Grilli esclarece:

No cristianismo, como no judaísmo, no início não é o livro, mas “a Palavra”. “No princípio era a Palavra”, recita João (1,1). A história de Jesus, antes de ser escrita, foi contada de maneira análoga à imensa história contida naquela variada biblioteca que chamamos de Bíblia,

³ Segundo a tradição Mateus e João, apóstolos de Jesus escreveram os Evangelhos que levam seu nome, também de acordo com a tradição, Marcos (João Marcos) foi um colaborador de Pedro e Paulo, e, Lucas foi o médico amado que andava com Paulo. Tornando-os assim em testemunhas oculares dos eventos e palavras dos Evangelhos (Mateus e João) e em colaboradores próximos dos apóstolos (Marcos e Lucas). Para mais detalhes ver: Blomberg, 2019, p. 30-32.

da qual os evangelhos são uma parte muito pequena. [...] O termo hebraico “*dabar*” significa “palavra”, mas também “evento”. A palavra de Deus está impregnada nos eventos: não no sentido de que os eventos emanam diretamente de Deus, anulando a responsabilidade do homem, e nem no sentido de que a história revela Deus *sic et simpliciter*, mas no sentido de que a história, lida à luz da palavra reveladora de Deus, se torna o lugar do encontro com ele (Grilli, 2016, p. 11-12, tradução nossa).

Por transmissão ou tradição oral, não se deve entender relatos que foram aumentados, diminuídos ou esquecidos devido à distância entre o fato e o momento da escrita. Pelo contrário, trata-se de um cuidadoso repasse, uma vez que, como ensina Yinger, a memorização precisa fazia parte do ambiente educacional judaico⁴:

A repetição oral e a memória, em comparação com as aulas escritas, foram sem dúvida o principal meio de instrução. A capacidade de memorizar era certamente maior nessas culturas orais do que nas sociedades letradas modernas, e vários personagens do NT parecem ter armazenado quantidades significativas das Escrituras em suas cabeças (por exemplo, Paulo) (Yinger, 2013, p. 328, tradução nossa).

Após a fase de transmissão oral, teve início a fase de escrita dos Evangelhos, que traz à tona uma questão já mencionada anteriormente: o problema sinótico. Esse problema discute qual Evangelho foi escrito primeiro e qual a relação de dependência entre as fontes utilizadas por eles, uma vez que “podemos supor que a tradição oral continua influenciou a forma e o conteúdo dos Evangelhos, mas as provas também apontam firmemente para algum tipo de dependência literária: em outras palavras, houve algum tipo de empréstimo ou cópia” (Wright; Bird, 2023, p. 675). O objetivo

⁴ “É inegável a importância da memorização na sociedade judaica do primeiro século, e temos motivos para acreditar que isso fornece uma base suficiente para a transmissão oral cuidadosa e exata das informações dos Evangelhos. Estudos recentes dos relatos de testemunhas oculares no mundo grego-romano como um todo também confirmam de modo geral o valor e a precisão desses testemunhos. E, quando acrescentamos a esses pontos a possibilidade muito real de que as palavras e ações de Jesus estavam sendo registradas desde o início, temos, então, razões suficientes para pensar que os primeiros cristãos eram capazes de transmitir com exatidão os feitos e as palavras de Jesus e estavam desejosos de fazê-lo” CARSON, Donald A.; MOO, Douglas J. **Introdução ao Novo Testamento**. 2. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2024, p. 111.

agora é descrever brevemente as possíveis inter-relações entre os Evangelhos, propostas ao longo do tempo.⁵

- **Hipótese de Boismard e Lamouille:** Esses estudiosos propuseram um modelo complexo, sugerindo que muitos documentos intermediários e estágios preliminares dos Evangelhos Sinóticos foram perdidos, resultando em uma multiplicidade de fontes escritas.
- **Nova Hipótese de Múltiplas Fontes de D. Burkett:** Burkett sugere que nenhum dos Evangelhos Sinóticos serviu como fonte para os outros. Em vez disso, todos usaram um conjunto de fontes escritas anteriormente, agora perdidas. Ele também defende a indispensabilidade da hipótese (*Quelle* é fonte em alemão, e, seria uma fonte de ditos de Jesus).
- **Hipótese da Ur-Evangelho Oral (Hipótese da Tradição Oral):** Propõe que os apóstolos inicialmente pregavam oralmente e que, através da repetição, criaram um "Evangelho" oral em aramaico, que mais tarde foi traduzido oralmente para o grego. Essa tradição oral serviria de base para os Evangelhos Sinóticos.
 - **Gieseler (1818):** Os apóstolos criaram um "Ur-Evangelho" oral em aramaico, que foi traduzido para o grego para a comunidade helenística.
 - **Westcott:** Defendeu a hipótese de Gieseler, sugerindo que os Evangelhos surgiram de uma fonte oral comum.
 - **B. Reicke:** Argumenta que a tradição oral, em conjunto com contatos pessoais entre os evangelistas, é a melhor explicação para as semelhanças e diferenças nos Evangelhos Sinóticos.
 - **Dunn:** Combinou a hipótese da tradição oral com a hipótese das duas fontes, sugerindo que as tradições orais explicam seções com baixa concordância verbal entre Mateus e Lucas.

⁵ O que se segue é um resumo de: BAUM, Armin D. Synoptic Problem. In: GREEN, J. B.; BROWN, J. K.; PERRIN, N. (eds.). **Dictionary of Jesus and the Gospels**. 2nd. Ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 911-919, tradução nossa.

- **Oralidade e Memória Humana (A. Baum):** Baum argumenta que a variação nas semelhanças verbais entre os Evangelhos pode ser explicada por fontes orais transmitidas e pela memória humana.
- **Hipótese de Griesbach:** Griesbach propôs que o Evangelho de Marcos foi baseado no de Mateus e Lucas, uma teoria revivida no século XX como a "Hipótese dos Dois Evangelhos".
- **Hipótese da Prioridade de Marcos (Sem Q):**
 - **C. Wilke:** Propôs que Marcos fosse o primeiro Evangelho e servisse de base para Mateus e Lucas, sem a necessidade de uma fonte.
 - **M. Goulder e M. Goodacre:** Rejeitaram a existência de Q, sugerindo que Lucas usou tanto Marcos quanto Mateus, junto com tradições orais.
- **Prioridade de Marcos e o Evangelho Hebraico (J. Edwards):** Edwards propôs que um Evangelho Hebraico fosse uma fonte primária para Lucas, além de Marcos, e talvez servisse de base para a "dupla tradição" (material comum a Mateus e Lucas).
- **Hipótese das Duas Fontes (Prioridade de Marcos com Q):**
 - **Schleiermacher e Weisse:** Propuseram que Marcos é uma coleção de ditos (Q) foram fontes comuns para Mateus e Lucas.
 - **Holtzmann e Streeter:** Popularizaram a hipótese das duas fontes, sugerindo que Mateus e Lucas usaram Marcos e Q independentemente.
 - **Harnack:** Reconstruiu Q como uma coleção de ditos de Jesus, sugerindo que era uma fonte antiga, possivelmente em aramaico.
 - **A. Fuchs e outros:** Propostas mais recentes incluem fontes adicionais e revisões de Marcos para explicar variações menores.
- **Projeto Internacional Q (IQP):** Este projeto se dedicou a reconstruir Q como uma fonte escrita com cerca de 260 versos, mas alguns estudiosos questionam seu valor histórico, considerando-o apenas uma perspectiva específica sobre as tradições de Jesus.

- **Hipótese das Três Fontes:**

- **R. Morgenthaler:** Sugere que Lucas usou Marcos, Q e também Mateus como fontes.
- **M. Hengel:** Argumenta que, além de Marcos, Lucas pode ter usado outras fontes de ditos e que a solução para o problema sinótico é talvez insolúvel.

- **Conclusão:** Existem múltiplas abordagens para explicar as similaridades e diferenças entre os Evangelhos Sinóticos, variando entre hipóteses que defendem a dependência literária exclusiva e outras que incorporam a influência da tradição oral e da memória humana. Por fim, Wright e Bird fazem um bom apanhado geral:

No final das contas, simplesmente não sabemos com certeza como os Evangelhos Sinóticos foram elaborados. A relação literária entre os Sinóticos parece clara. A prioridade de Marcos provavelmente ainda é a melhor aposta. Lucas nos diz que utilizou fontes; ao supormos que Marcos foi uma delas, muitas coisas fazem sentido. Mas quando vamos além disso, passamos a andar no escuro (Wright; Bird, 2023, p. 682).

5. Estrutura e Conteúdo dos Evangelhos Sinóticos

Esta parte é uma antecipação bem resumida das outras três unidades:

- **Marcos:** Foco na ação, estilo narrativo direto, apresenta Jesus como o Filho de Deus e o Messias sofredor.
- **Mateus:** Enfatiza Jesus como o novo Moisés e o cumprimento das profecias judaicas.
- **Lucas:** Destaca a misericórdia de Jesus, sua compaixão pelos marginalizados, e uma narrativa mais detalhada.

Embora os sinóticos apresentem uma visão comum do ministério de Jesus, cada escritor mostra, a partir do seu próprio ponto de referência, seu interesse próprio e singular em quem é Jesus e no que Ele fez. São seus próprios interesses pessoais que apresentam o desafio para a interpretação, conforme preenchendo os detalhes em cada descrição de Jesus (RICE, 2007, p. 213).

6. Leitura Comparativa na Bíblia de Jerusalém: Jesus acalma uma tempestade (Mt 8:23-27; Mc 4:35-41; Lc 8:22-25). Perceba as semelhanças e as diferenças.

Mt 8:23-27	Mc 4:35-41	Lc 8:22-25
<p>²³Depois disso, entrou no barco e os seus discípulos o seguiram.</p> <p>²⁴E, nisso, houve no mar uma grande agitação, de modo que o barco era varrido pelas ondas. Ele, entretanto, dormia.</p> <p>²⁵Os discípulos então chegaram-se a ele e o despertaram, dizendo: "Senhor, salva-nos, estamos perecendo!"</p> <p>²⁶Disse-lhes ele: "Por que tendes medo, homens fracos na fé?" Depois, pondo-se de pé, conjurou severamente os ventos e o mar. E houve uma grande bonança.</p> <p>²⁷Os homens ficaram espantados e diziam: "Quem é esta a quem até os ventos e o mar obedecem?"</p>	<p>³⁵E disse-lhes naquele dia, ao cair da tarde: "Passemos para a outra margem".</p> <p>³⁶Deixemos a multidão, eles o levaram, do modo como estava, no barco: e com Ele havia outros barcos.</p> <p>³⁷Sobreveio então uma tempestade de vento, e as ondas se jogavam para dentro do barco, e o barco já estava se enchendo.</p> <p>³⁸Ele estava na popa, dormindo sobre o travesseiro. Eles o acordam e dizem: "Mestre, não te importa que pereçamos?"</p> <p>³⁹Levantando-se, Ele conjurou severamente o vento e disse ao mar: "Silêncio! Quietos!" Logo o vento serenou, e houve grande bonança.</p> <p>⁴⁰Depois, Ele perguntou: "Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?"</p> <p>⁴¹Então ficaram com muito medo e diziam uns aos outros: "Quem é esse a quem até o vento e o mar obedecem?"</p>	<p>²²Certo dia, ele subiu a um barco com os discípulos e disse-lhes: "Passemos à outra margem do lago". E fizeram-se ao largo.</p> <p>²³Enquanto navegavam, ele adormeceu. Desabou então uma tempestade de vento no lago; o barco se enchia de água e eles corriam perigo.</p> <p>²⁴Aproximando-se dele, despertaram-no dizendo: "Mestre, mestre, estamos perecendo!" Ele, porém, levantando-se, conjurou severamente o vento e o tumulto das ondas; apaziguaram-se e houve bonança.</p> <p>²⁵Disselhes então: "Onde está a vossa fé?" Com medo e espantados, eles diziam entre si: "Quem é esse, que manda até nos ventos e nas ondas, e eles lhe obedecem?"</p>

INDICAÇÃO DE VÍDEO:

[Uma breve introdução dos Evangelhos, nas palavras de Rodrigo P. Silva, ver o vídeo: A origem dos Evangelhos. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=mYJcqN4kvQc>

LEITURA COMPLEMENTAR

Uma introdução geral pode ser encontrada aqui. GUEDES, Ivan Pereira. **Evangelhos: A Questão Sinótica** - Uma Introdução. Disponível em: <https://reflexaoipg.blogspot.com/2018/01/evangelhos-questao-sinotica-uma.html>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta unidade apresentou uma introdução geral sobre os Evangelhos Sinóticos.

Em primeiro lugar houve a definição do que é um Evangelho: Os Evangelhos são relatos biográficos sobre a vida e o ministério de Jesus, classificados como biografias teológicas. Eles combinam elementos narrativos e teológicos, transmitindo a mensagem central do cristianismo e destacando o cumprimento das promessas divinas nas Escrituras. Cada Evangelho, apesar de compartilhar características formais com outras literaturas antigas, se distingue por seu conteúdo cristão, o que os torna únicos na literatura.

Depois o foco passou para os Evangelhos Sinóticos — Mateus, Marcos e Lucas —, que são chamados assim devido à sua similaridade em estrutura e conteúdo, permitindo que sejam vistos “num único olhar”. Essa similaridade revela uma interconexão que enriquece a compreensão da mensagem de Jesus, mas também apresenta o problema sinótico: a questão de como esses textos compartilham tanto conteúdo comum quanto diferenças. A análise desses textos revela uma interconexão que enriquece a compreensão da mensagem de Jesus, sendo que suas diferenças e semelhanças ajudam a reforçar a harmonia dos relatos. Diferentemente dos Sinóticos, o Evangelho de João oferece uma narrativa mais teológica, complementando os outros três ao destacar a identidade divina de Jesus.

Na próxima unidade, intitulada "Introdução ao Evangelho de Mateus", exploraremos em mais detalhes sobre este Evangelho, onde começaremos a examinar mais profundamente as particularidades deste primeiro livro do Novo Testamento.

UNIDADE 2 - INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS

Objetivos da Unidade:

1. Introduzir o Evangelho de Mateus, destacando sua estrutura e mensagem central.
2. Identificar os pontos de convergência e singularidade de Mateus em relação aos outros Evangelhos Sinóticos.
3. Examinar os principais temas teológicos presentes no Evangelho de Mateus.
4. Sugerir aplicações práticas dos temas teológicos explorados em Mateus para a vida cristã,

1. Abertura e Apresentação

A partir de agora, as unidades seguirão um formato padrão, abordando: uma visão geral do Evangelho em foco, os principais pontos de convergência com os demais sinóticos, as características únicas desse Evangelho, algumas implicações teológicas relevantes e sugestões para a aplicação prática desses conceitos. Vale destacar que essa abordagem tem um caráter introdutório e não substitui a leitura de obras técnicas, fundamentais para um aprofundamento mais robusto e abrangente sobre o tema.

Outro ponto a ser destacado, à guisa de introdução, é que os evangelhos não foram assinados por seus autores, porém as evidências sugerem a autoria, como explica Bock:

Nenhum dos evangelhos nomeia seu autor. Geralmente, o que temos é uma rica tradição que descreve a autoria. Entretanto, essa tradição, algumas vezes, é inconsistente em seus detalhes. Questões de data e ambiente são difíceis de resolver. Em todas essas áreas, deve-se dar atenção também à evidência interna dos textos. O problema é que o significado desses detalhes internos é discutível quando se trata de fazer juízos sobre implicações para o ambiente e autoria. Muitas vezes, consideramos inferências e não fatos puros. Assim, teremos de tratar com probabilidades quanto aos juízos que fizermos sobre algumas das raízes de cada evangelho. A combinação de evidência externa e interna sugere que dois evangelhos têm origens apostólicas (Mt e Jo), enquanto dois outros têm íntima conexão com a tradição

apostólica (Marcos por meio de Pedro, Lucas por meio de Paulo e outros) (Bock, 2013, p. 22).

Dessa forma serão tratados os três Evangelhos nesta e nas próximas unidades, seguindo a ordem que se encontra no cânon (Mateus, Marcos e Lucas).

Nesta parte introdutória se trata de aspectos fundantes dos Evangelhos: autoria, data, local de escrita, destinatários, propósitos e a escolha de uma estrutura para todo o Evangelho estudado na unidade. Assim segue-se a sequência citada.⁶

Autoria: Existem duas vertentes principais para a autoria deste Evangelho: (a) o autor é o próprio apóstolo chamado Mateus; (b) a autoria é desconhecida e não é apostólica. Vejamos argumentos utilizados pelas duas escolas, começando pela segunda hipótese e colocando um contraponto, assim o argumento de uma escola equivale ao argumento 1 da outra.

A- Autoria não apostólica:

- 1 – Somente este evangelho faz referência a Mateus “o publicano”;
- 2 – Mateus depende de Marcos, tal não seria se o autor fosse testemunha ocular;
- 3 – Um judeu não usaria linguagem dura contra seu povo ou líderes, como Mateus o faz;
- 4 – O Evangelho é sistemático e não biográfico;
- 5 – Mateus é tardio e teologicamente desenvolvido para ser relacionado a uma testemunha ocular;
- 6 – O uso do nome “Mateus” para autoria do Evangelho é uma pseudonímia (falso nome), evento em que alguém colocava um nome de um autor famoso para dar credibilidade ao seu escrito;
- 7 – O consenso (desta linha argumentativa) é que Mateus seja um judeu cristão de segunda geração, vivendo em uma comunidade que estava envolvida em oposição ao judaísmo.

⁶ Esta seção se baseia no que se encontra em: Alexandre Júnior (2021); Bock (2013); Blomberg (2009); Carson e Moo (2024); Marconcini (2012); Pinto (2021); Stott (1996); Wright e Bird (2023).

B – Autoria Apostólica:

1 – Marcos e Lucas usam a mesma história do chamo do publicano e o chamam de Levi, a referência a Mateus, “O publicano” provavelmente seja uma autodepreciação suave, por sua vida pregressa, O fato de ter dois nomes semíticos usados para uma mesma pessoa também é visto em Simão/ Cefas (Pedro) e em inscrições da época;

2 - Marcos tem uma extensa capacidade literária ao criar a forma do Evangelho, Mateus pode ter endossado o trabalho de Marcos, que foi baseado na pregação de Pedro, e, a extensão o Evangelho de Mateus é muito diferente do de Marcos. Ele não é de modo algum apenas uma expansão ou suplemento do Evangelho de Marcos, mas conta a história no feitio bem distinto de Mateus. Além do fato, de que o Evangelho de Marcos está associado ao testemunho de Pedro, que fazia parte do círculo mais íntimo de Jesus e presenciou fatos que outros discípulos não testemunharam, o que levaria à uma consulta por parte de Mateus.

3 – Mateus é um judeu-cristão, como judeu ele usa o termo “reino do céu” em vez de “reino de Deus”, para evitar o uso do nome de “Deus” em vão, cerca de 33 vezes; ele registra 43 citações do AT (mais do que qualquer outro Evangelho); ele usa a fórmula relativa à citações do At “para que a Escritura se cumprisse” 16 vezes; e, usa expressão Filho de Davi” 8 vezes. Mateus retrata Jesus como enviado somente a Israel; os discípulos são proibidos de estenderem seu ministério para além das fronteiras de Israel, embora relate a antecipação da inclusão dos gentios na ceia messiânica (Mt 8:11-12) e a comissão de pregar à pessoas de todas as nacionalidades (Mt 18:18-20), essa tensão é derivada de dois fatores: (a) Mateus faz uma distinção entre o que ocorreu no tempo do ministério de Jesus e o que ocorria nos seus dias, (b) Essa ambivalência pode ter sido gerada por uma situação conflituosa entre judaísmo e cristianismo na época da escrita do Evangelho;

4 – Um relato organizado por temas (sistêmático) pode trazer informações biográficas;

5 – Há evidências externas, como relatos do Didaquê (aproximadamente 110 d.C.), o testemunho de Papias (cerca de 135 d.C.), e dos primeiros Pais da Igreja,

como Orígenes, Clemente de Roma e Justíno, da autoria apostólica de Mateus. Desde muito cedo há uma cristologia alta desenvolvida evidenciada nos hinos de Cristo da obra paulina (cf. Fp 2:5-11; Cl 1:15-20); no Evangelho há uma clara distinção entre o que os discípulos entendiam no período do ministério de Jesus e as verdades que entenderam depois;

6 – Mateus, mesmo sendo apóstolo, veio de um contexto de má reputação (a coletoria de impostos), fato que fez com que nenhuma obra apócrifa cristã primitiva levasse seu nome, por exemplo, há os evangelhos apócrifos de Pedro, de Tiago, de Tomé, André ou Bartolomeu, mas nenhum com o nome de Mateus. O que sugere que o apóstolo Mateus não seria um candidato razoável entre os apóstolos para ser escolhido pelos cristãos tardios a fim de dar mais credibilidade e autoridade a um Evangelho, se ele não fosse, de fato, o autor;

7 – O consenso (desta linha argumentativa) é que Mateus seja o apóstolo, que era cobrador de impostos e que largou tudo para seguir a Jesus.

Data: O próximo item a ser abordado é a questão da data. Há duas vertentes principais: (a) uma que crê que o Evangelho foi escrito antes do ano 70 d.C.; (b) outra que crê que o Evangelho foi escrito depois do ano 70 d.C., geralmente no ano 80 d.C. ou entre a década de 70 a 100 d.C.

Local da escrita: Antigamente se afirmava que a Judeia era o local da escrita deste Evangelho, mas hoje a erudição abraça a probabilidade de o Evangelho segundo Mateus ter sido escrito na Síria, alguns até afirmam que na cidade de Antioquia. Carson e Moo (2024, p. 196) declaram que “não é possível ter certeza quanto à procedência geográfica deste Evangelho”. A Síria talvez seja a proposta mais provável, mas nada vital depende dessa decisão”. Quanto a isto Bock, complementa:

Determinar o ambiente deste evangelho é o exercício mais incerto de todos. Ele envolve só inferências. A pesada ênfase de Mateus em questões judaicas indica um ambiente em Israel, ou num local com grande população judaica. A evidência de Ireneu, anteriormente citada, indica um ambiente entre “os hebreus”. O uso do grego sugere um ambiente racialmente misto. Antioquia da Síria é a melhor candidata para uma localização fora de Israel. Mas ninguém sabe ao certo. Como já dissemos, essa determinação não é crucial para a avaliação da mensagem, porque certamente pretendia-se que o

evangelho circulasse também fora dessa comunidade (Bock, 2013, p. 27-28).

Destinatários: Ao se ler o Evangelho de Mateus percebe-se o uso de várias citações do Antigo ou Primeiro Testamento, “Mateus pressupõe que seus leitores estão familiarizados com o Velho Testamento e capacitados a tirar conclusões das citações com as quais ele tempera a história” (Stott, 1996, p. 39). Assim, há quem ensine que o Evangelho foi escrito para judeus (evangelização) ou judeu-cristãos (catequização) ou ambos os grupos.

A quem Mateus destina esta apresentação? Muitos estudiosos creem que ele tinha em mente os cristãos, talvez especialmente os judeus cristãos que precisavam ser convencidos de que sua fé cristã não estava em conflito com sua herança judaica. Porém parece provável que Mateus também queria convencer os judeus descrentes, e que isso era parte de sua estratégia para mostrar que Jesus cumpre perfeitamente as expectativas do Velho Testamento (Stott, 1996, p. 40).

O consenso é que Mateus estivesse escrevendo para atender necessidades específicas de sua região⁷, mas há também a possibilidade de ele ter escrito pensando na igreja como um todo, conforme sugere Bock:

É importante saber, para a abordagem dos evangelhos e para compreender como eles funcionam, que os evangelhos foram escritos basicamente para uma audiência ampla. Muitos detalhes sobre a audiência original de cada evangelho não são claros. Um consenso comum é que os evangelhos foram escritos, em cada caso, para uma comunidade ou conjunto de comunidades locais. O argumento de consenso é que os relatos de cada evangelho são contados de uma forma que a narrativa seria relevante para uma pequena comunidade. Essa opinião gradualmente está sendo rejeitada. Ao contrário, os escritores dos evangelhos escreveram para a igreja em geral, por membro que um autor chamou de a “sagrada internet”. A implicação da intenção deles, a saber, de se dirigir à igreja em geral, significa que o que nós não sabemos com certeza sobre as particularidades de cada ambiente do Evangelho – e há muita coisa que nós não sabemos sobre tais detalhes – causa pouco impacto sobre nossa avaliação da

⁷ “A pressuposição usual é a de que o Evangelista escreveu esse Evangelho para atender às necessidades de crentes de sua própria região. Percebe-se imediatamente o realismo dessa pressuposição caso aceitemos que Mateus estava trabalhando em centros com uma população judaica considerável, quer na Palestina quer na Síria... Uma vez que o livro revela um número tão grande de aspectos judaicos, não é fácil imaginar que em sua mente o autor estivesse procurando alcançar um grupo predominantemente gentílico. Mas não é implausível sugerir que Mateus escreveu seu Evangelho tendo em mente certos tipos de leitores e não tanto a localização geográfica desses leitores” (Carson; Moo, 2024, p. 202).

mensagem básica desses evangelhos. Não é preciso um conhecimento profundo da comunidade original a qual cada evangelho foi endereçado para se entender sua mensagem, embora tal conhecimento, quando pode ser determinado, de fato nos ajude a avaliar certas nuances de detalhe (Bock, 2013, p. 23).

Klein, Blomberg e Hubbard Jr (2017, p. 644) asseveram que, tal empreitada (de descobrir os destinatários originais) é de natureza mais especulativa do que a de comparar paralelos para descobrir diferenças teológicas. Eles afirmam que muito do que foi incluído provavelmente fizesse parte de um querigma cristão comum ou era importante para todos os cristãos.

Propósitos do Evangelho: “pelo fato de Mateus não incluir declarações diretas acerca do seu propósito em escrever o Evangelho, todas as tentativas de identificá-lo são inferências extraídas dos temas que ele aborda e de como trata certos temas em comparação com a maneira em que os outros Evangelhos tratam temas semelhantes. Isso nos obriga a reconhecer diversas limitações que precisam ser impostas à busca de descobrir o propósito do autor. Os temas dominantes em Mateus são diversos, complexos e até certo ponto contestados. Por isso, tentativas de identificar um único propósito específico estão fadadas ao fracasso” (Carson; Moo, 2024, p. 202).

Diante dessa constatação, seguem os propósitos do Evangelho de Mateus:

1. **Demonstrar que Jesus é o Messias Prometido:** Mateus deseja provar que Jesus de Nazaré é o cumprimento das profecias messiânicas do Antigo Testamento. Ele enfatiza que Jesus é o "Filho de Davi", o "Filho de Deus" e o "Emanuel" (Deus conosco), aquele para quem toda a história de Israel apontava.
2. **Mostrar o Cumprimento da Lei e das Profecias:** Mateus faz questão de conectar a vida e os ensinamentos de Jesus com a narrativa profética de Israel. Isso serve para reafirmar aos judeu-cristãos que seguir a Jesus não é uma ruptura com a fé de seus antepassados, mas sim o cumprimento pleno das Escrituras.

3. **Advertir os Judeus que Rejeitaram Jesus:** Mateus alerta sobre o perigo de rejeitar Jesus, especialmente para os líderes judeus que falharam em reconhecê-lo como o Messias durante seu ministério. Ele sugere que essa rejeição pode ter consequências espirituais graves, principalmente após a ressurreição de Jesus.
4. **Instruir a Igreja sobre o Reino de Deus:** Mateus ensina que o Reino escatológico prometido já começou com a vida, morte e ressurreição de Jesus. Ele instrui a igreja sobre como viver sob o reinado messiânico, resistindo às tentações e perseguições, e se submetendo à autoridade de Jesus.
5. **Equipar os Cristãos para Evangelização:** O Evangelho também tem um propósito evangelístico, especialmente para alcançar os judeus. Mateus procura equipar os cristãos com uma compreensão sólida da identidade e missão de Jesus, o que pode ser uma ferramenta eficaz na evangelização.
6. **Catequese e Discipulado:** Mateus organiza seus ensinamentos de maneira que eles possam ser usados para catequizar e discipular a igreja. Ele oferece um manual prático para uma comunidade que vive como uma minoria em um ambiente muitas vezes hostil, orientando sobre como perseverar na fé e na missão.

Em resumo, Mateus escreveu seu Evangelho para fortalecer a fé dos judeu-cristãos, demonstrando que seguir Jesus é, na verdade, a forma verdadeira de lealdade às tradições e promessas de Israel. Ele também busca orientar a comunidade cristã sobre como viver sob o reinado de Jesus e como evangelizar, mesmo em um ambiente desafiador.

Estrutura: Vários autores apresentam modelos de estruturas gerais para o Evangelho de Mateus, de acordo com o aspecto ou os aspectos realçados por eles, diante disso, o autor desta apostila escolheu um dentre muitos modelos, o que é apresentado por Wright e Bird (2023, p. 577):

- 1. Narrativa da infância (1:1–2:23)**
- 2. Início do ministério de Jesus (3:1–7:29)**
 - Narrativa: 3:1–4:25
 - Discurso 1 (Sermão do Monte): 5:1–7:27
 - Fórmula de Conclusão: 7:28-29
- 3. A revelação da autoridade de Jesus (8:1–11:1)**

Narrativa: 8:1–9:35

Discurso 2 (discurso missionário): 9:36–10:42

Fórmula de Conclusão: 11:1

4. O ministério de Jesus causa dissensão (11:2–13:53)

Narrativa: 11:2–12:50

Discurso 3 (parábolas): 13:1-52

Fórmula de Conclusão: 13:53

5. Jesus e seus discípulos (13:54–19:2)

Narrativa: 13:54–17:27

Discurso 4 (regra da comunidade): 18:1-35

Fórmula de Conclusão: 19:1-2

6. Jesus, o juízo e Jerusalém (19:3–26:2)

Narrativa: 19:3–22:46

Discurso 5 (rejeição dos fariseus / discurso profético): 23:1–25:46

Fórmula de Conclusão: 26:1-2

7. Paixão, ressurreição e a Grande Comissão (26:3–28:20)

2. Os Pontos de convergência e as singularidades de Mateus para com Marcos e Lucas

Antes de tratar o que distingue o Evangelho de Mateus dos demais sinóticos, é mister refletir sobre os pontos em comum, pontos esses, que não serão abordados nas próximas unidades, já que aqui eles estão como um elo entre os três Evangelhos.

Os Evangelhos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) compartilham vários elementos em comum que reforçam sua interconexão e coesão narrativa. Um dos aspectos mais evidentes são as **narrativas comuns**, como o Batismo de Jesus, a tentação no deserto e a Última Ceia. Esses eventos cruciais da vida de Jesus são apresentados em todos os três evangelhos, sublinhando a importância dessas experiências na jornada messiânica de Cristo. Embora cada evangelho possa destacar nuances diferentes, a presença dessas narrativas em todos os sinóticos evidencia sua centralidade na mensagem cristã.

Além das narrativas, os Evangelhos Sinóticos também compartilham uma **estrutura semelhante**. Como escreveu Rice: “uma leitura dos evangelhos sinóticos sugere que há uma certa ordem de eventos na vida de Jesus que é partilhada por todos os três” (RICE, 2007, p. 212). Eles seguem uma sequência cronológica parecida, abordando eventos principais da vida de Jesus de forma alinhada. Esse paralelismo estrutural facilita a compreensão da progressão do ministério de Jesus,

desde seu início com o Batismo até a culminação na crucificação e ressurreição. Além disso, todos os três evangelhos enfatizam **temas comuns**, como os ensinamentos sobre o Reino de Deus e os milagres realizados por Jesus, destacando sua autoridade divina e a vinda do Reino. Essas semelhanças contribuem para a criação de uma narrativa coerente e integrada sobre quem foi Jesus e qual foi sua missão.

Uma vez destacados os elementos em comum, passamos aos distintivos. Esses elementos não devem ser encarados como pontos irreconciliáveis, mas como olhares distintos para o mesmo objeto de contemplação, como explica Rice:

Quando são feitas comparações, surgirão o que parecem discrepâncias. Essas diferenças incomodam os céticos, e são apontadas como evidência de que os evangelhos não são dignos de confiança. Mas os escritores sinóticos não eram robôs, aderindo rigidamente a um só relato do ministério de Jesus que não pudesse variar no mínimo. Antes, cada escritor estava pintando um retrato de Jesus, e as várias diferenças não são outra coisa senão o toque de seus pinceis produzindo diferentes matizes na coloração. Lembre-se de que cada escritor nos está falando sobre Jesus a partir de sua própria estrutura conceitual. Qualquer que leia os sinóticos reconhecerá imediatamente o mesmo retrato embora sendo refrescado pelas diferentes tonalidades (Rice, 2007, p. 207-208).

Uma declaração de Grilli resume o estilo literário de Mateus em comparação com Marcos e Lucas: “Em comparação com Marcos, Mateus contém uma quantidade muito maior de ensinamentos de Jesus e é muito mais sucinto na exposição dos fatos; em comparação com Lucas, apresenta uma maior organicidade. Certamente, sua notoriedade foi influenciada pelo caráter didático e catequético do escrito, pela forma concisa de expor o essencial da tradição, pela profundidade da vida eclesial que reflete, pelo equilíbrio constante entre passado e presente, pela sistematicidade e precisão dos ensinamentos. O leitor encontra nele uma figura de Jesus, um modelo comunitário e um caminho ético decididamente atuais; uma dialética de posições que estimula o leitor à reflexão; a imagem de uma Igreja e de uma vida comum fortemente marcada” (Grilli, 2016, p. 167-168, tradução nossa).

No texto mateando, há material exclusivo dele, material que pode ser visto na tabela apresentada abaixo, baseada em Wright e Bird (2023, p. 572):

Genealogia de Jesus	1:2-17	Milagre das moedas na boca do peixe	17:24-27
Nascimento de Jesus	1:18-25	A disciplina daquele que pesca	18:15-20

Visita dos sábios	2:1-12	A pergunta de Pedro sobre o perdão	18:21-22
O cumprimento da Torá	5:17-20	Parábola do credor incompassivo	18:23-25
Ensino sobre a ira	5:21-24	Parábola dos trabalhadores na vinha	20:1-16
Ensino sobre o adultério	5:27-29	Parábola dos dois filhos	21:28-32
Ensino sobre o divórcio	5:31	Proibição dos títulos de honra	23:2-5,7-12
Ensino sobre o juramento	5:33-37	Os "ais" contra os fariseus	23:15-22
Ensino sobre a vingança	5:38-39	Parábola das dez virgens	25:1-13
O amor aos inimigos	5:43	As nações reunidas diante do filho do homem	25:31-46
Instruções sobre a piedade	6:1-19	O suicídio de Judas	27:3-10
Frase sobre dar pérolas aos porcos	7:6	Pilatos lava as mãos	27:24-25
A futura perseguição	10:21-23	Ressurreição dos santos	27:52-53
Oferta de descanso	11:28-30	Os guardas do túmulo	27:62-66
As parábolas do joio, da pérola, da rede e do tesouro	13:24-30,36-52	O relatório dos guardas	28:11-15
Pedro caminha sobre as águas	14:28-31	A Grande Comissão	28:16-20
Jesus, Pedro e a pedra	16:17-19		

Além desses textos e da forma de redação singulares, o Evangelho de Mateus se destaca por:

Sua Ênfase na Igreja: Mateus é o único evangelho que menciona explicitamente a palavra "igreja" (ekklesia) e contém ensinamentos específicos sobre a comunidade cristã, como em Mateus 16:18, onde Jesus afirma que edificará sua igreja sobre a "rocha";

Narrativa do sermão do monte: Mateus é o único evangelho que apresenta o Sermão do Monte em detalhes (Mateus 5-7). Neste sermão, Jesus expõe uma série de ensinamentos éticos e morais, incluindo as Bem-Aventuranças, que são centrais para a mensagem cristã;

Genealogia de Jesus: Mateus começa seu evangelho com a genealogia de Jesus, traçando sua linhagem desde Abraão até Davi e, finalmente, até José, o pai adotivo de Jesus (Mateus 1:1-17). Isso destaca a herança judaica de Jesus e sua legitimidade como o Messias, fato que não é o foco na genealogia encontrada em Lucas, que traça a origem até Adão; Sobre essas diferenças Turner explica:

Mateus usa sua genealogia principalmente para fins criptológicos, a fim de demonstrar a descendência abraâmica e davídica de Jesus, o Messias, ao mesmo tempo em que o apresenta como o cumprimento das promessas de Deus. Além disso, a presença das mulheres, que evidentemente são gentias, sugere a agenda de Mateus para uma missão universal a todas as nações. A situação é bem diferente com a genealogia de Lucas, que não ocorre no início de seu Evangelho, mas entre os relatos do batismo e da tentação de Jesus. Parece significativo que tanto a períope do batismo, que precede a genealogia, quanto a períope da tentação, que a segue, enfatizem a filiação divina de Jesus. No batismo, o Pai afirma essa filiação única (Lucas 3:22), e na tentação, o diabo tenta, sem sucesso, testá-la (4:3, 9). A genealogia, ao traçar a ascendência de Jesus até Adão e, de fato, até Deus (3:38), leva à mesma conclusão: Jesus é o Filho de Deus. O primeiro Adão também foi um filho de Deus, mas falhou diante da tentação satânica. Revestido com o Espírito (3:22; 4:1, 14, 18), o segundo Adão é vitorioso sobre Satanás. Assim, no início de seu ministério, Jesus é visto como a pessoa representativa de toda a humanidade (Marshall 1978: 161). Lucas, como Mateus, menciona Abraão e Davi, mas o objetivo de Lucas não é relacionar Jesus a Abraão e Davi. Em vez disso, é relacionar toda a humanidade ao Deus de Abraão, de Davi e, preeminente, de Jesus (Turner, 2008, p. 31-32, tradução nossa).

Narrativa do Nascimento de Jesus: Embora Lucas também conte a história do nascimento de Jesus, Mateus inclui detalhes únicos, como a visita dos Magos do Oriente e a fuga para o Egito (Mateus 2:1-15);

Ênfase nas Profecias do Antigo Testamento: Mateus frequentemente cita o Antigo Testamento para mostrar como Jesus cumpriu as profecias messiânicas.

Apresenta Jesus como mestre por excelência: Jesus é apresentado como o intérprete escatológico investido de autoridade divina.

Outros pontos poderiam ser apresentados, mas esses são representativos do Evangelho mateano.

3. Principais temas teológicos do Evangelho de Mateus

O Evangelho segundo Mateus traz vários temas teológicos, mas alguns são proeminentes e são abordados aqui. Verificar estes temas é parte do processo interpretativo dos Evangelhos, como bem explica Rice:

A interpretação dos evangelhos requer uma leitura cuidadosa de cada um. Uma das primeiras coisas que o leitor deve procurar é o tema principal ou a ênfase que o escritor deseja dar. [...] O leitor procurará,

em seguida, os eventos da vida de Jesus que são partilhados por outros evangelhos e, então, os detalhes desses eventos que são singulares no evangelho que ele está lendo. Tendo feito isto, o leitor reunirá todos os detalhes dos quatro evangelhos para uma compreensão mais completa. Variações nos relatos (os torturantes desafios) apenas ajudarão a ampliar o quadro (Rice, 2007, p. 210).

Os aspectos realçados aqui são: cristologia, Reino dos Céus, Conflitos, Eclesiologia e ética.

Cristologia: A cristologia no Evangelho de Mateus apresenta Jesus de forma multifacetada, destacando-o como Salvador, Mestre, Rei, Filho do Homem, Filho de Deus e Senhor. Mateus sublinha Jesus como o Salvador prometido, cumprindo as profecias do Antigo Testamento e trazendo a redenção ao seu povo (Mt 1:21). Como Mestre, ele é o novo legislador, oferecendo ensinamentos éticos e espirituais no Sermão do Monte (Mt 5-7). Jesus é também o Rei, o Messias davídico que inaugura o Reino de Deus e convida todos a se submeterem à sua autoridade real (Mt 21:5). O título Filho do Homem revela sua função escatológica como aquele que exercerá juízo e será exaltado no final dos tempos (Mt 24:30), enquanto o título Filho de Deus confirma sua relação íntima com o Pai, recebendo a aprovação divina no batismo (Mt 3:17). Finalmente, Jesus é proclamado Senhor, com autoridade sobre todas as coisas, culminando com sua ordem de discipular todas as nações (Mt 28:18-20), consolidando seu papel universal. Uma apreciação sobre essa apresentação mateana de Cristo é vista em Wright:

O evangelho de Mateus apresenta Jesus de uma forma elaborada e multifacetada. Ele aparece como o Messias de Israel, o rei que governará e salvará o mundo. Ele vem diante de nós como o grande Mestre, maior até mesmo que Moisés. E é claro que ele é apresentado como o filho do homem, aquele que entregou sua vida por todos nós. Mateus apresenta tudo isso passo a passo, convidando-nos a desvendar a sabedoria da mensagem do evangelho e a conhecer a nova forma de vida resultante disso (Wright, 2020a, p. 12-13).

Um detalhe importante na cristologia mateana é a seu uso dos textos do AT, ele os usa de uma maneira complexa, além da noção de cumprimento, Mateus “emprega várias formas de tipologia e ... adota uma leitura essencialmente cristológica do Antigo Testamento” (Carson; Moo, 2024, p. 210). O uso abundante desses textos é comentado por Turner:

O uso abrangente que Mateus faz da Bíblia Hebraica é uma das principais razões pelas quais muitos intérpretes observam a orientação judaica deste Evangelho. De fato, a prevalência dessa intertextualidade questiona a própria noção de um "Antigo Testamento" na teologia de Mateus. Se o Jesus de Mateus veio não para abolir, mas para cumprir a lei e os profetas (Mt 5:17), é duvidoso que Mateus conhecesse as Escrituras Judaicas como "antigas", pelo menos nos sentidos conotativos de "antiquadas, ultrapassadas, pitorescas". Em vez disso, Mateus via tanto os padrões históricos quanto os oráculos proféticos da Bíblia Hebraica como preenchidos com significado último através do ministério e ensino de Jesus. Além de inúmeras alusões informais, que são difíceis de contar, há cerca de cinquenta citações formais. Estas podem ser categorizadas de várias maneiras, como por fórmula introdutória ("para que se cumprisse", "pois está escrito", etc.) ou o falante (Jesus, Mateus, etc.) (Turner, 2008, p. 17-18, tradução nossa).

Reino dos Céus (Turner, 2008): A mensagem do Reino dos Céus no Evangelho de Mateus é central e multifacetada. Mateus utiliza a expressão "Reino dos Céus" predominantemente, enquanto Marcos e Lucas preferem "Reino de Deus", sendo que os dois termos são sinônimos. O uso de "Reino dos Céus" reflete a reverência pela nomeação direta de Deus, uma prática comum entre os judeus da época. Esse reino refere-se tanto à presença atual do governo de Deus nas palavras e obras de Jesus quanto à sua manifestação futura e plena. A pregação de João Batista, Jesus e seus discípulos gira em torno da proximidade e realização desse reino. Jesus demonstra o poder do Reino com milagres e ensina sobre a ética dos cidadãos do Reino, que devem buscar uma justiça superior, simbolizada pela humildade, fé e preparação para o futuro reino definitivo.

Esse Reino tem uma dimensão presente, como visto na experiência daqueles que respondem à mensagem do evangelho, e uma dimensão futura, quando será completamente realizado com o retorno de Cristo. As parábolas de Mateus (capítulo 13) mostram a dinâmica do Reino, retratando seu crescimento e a variedade de respostas humanas. Além disso, o Reino de Deus exige vigilância, pois seu momento final é desconhecido. Assim, Mateus descreve o Reino como inaugurado com a primeira vinda de Jesus, mas a ser consumado em sua segunda vinda, quando o governo de Deus será plenamente manifestado sobre toda a criação.

Conflitos sobre autoridade (Turner, 2008): O conflito sobre a autoridade no Evangelho de Mateus é um tema central que permeia todo o texto, começando com a tensão entre o rei Herodes e o recém-nascido Messias. Ao longo do ministério de Jesus, seus ensinamentos frequentemente entram em choque com as crenças e práticas dos líderes religiosos da época, como os fariseus, que o acusam de quebrar leis sabáticas, perdoar pecados e associar-se com pecadores. O clímax do conflito ocorre em Jerusalém, quando os líderes religiosos questionam a autoridade de Jesus, levando à sua prisão, julgamento e crucificação. Mateus destaca que esses conflitos se originam de diferentes interpretações da Lei de Moisés, com Jesus apresentando-se como o intérprete definitivo. Embora essas disputas tenham sido utilizadas mais tarde para incitar o antisemitismo, o propósito de Mateus era defender Jesus como o Messias e autorizado intérprete da Lei dentro do contexto de uma disputa religiosa entre judeus.

Eclesiologia: A eclesiologia do Evangelho de Mateus é apresentada de forma rica e detalhada, destacando o papel da igreja como a comunidade fundada por Jesus e enraizada no remanescente fiel de Israel. Embora Mateus seja considerado o evangelho mais judaico, ele é o único a usar o termo “igreja” (*ekklēsia*), mostrando a formação de uma comunidade de seguidores de Jesus, que não se limita aos judeus, mas inclui gentios e pessoas improváveis, como Tamar, Raabe, e o centurião romano. A igreja é vista como um corpo local e temporal que exerce autoridade para disciplinar e edificar espiritualmente seus membros, seguindo os ensinamentos de Jesus. Contudo, ela também é apresentada como parte do Reino dos céus, com uma missão universal, conforme o mandato final de Jesus para levar o evangelho a todas as nações. Essa missão reflete a autoridade universal de Cristo, que permanece presente com seus seguidores até o fim dos tempos. Assim, Mateus integra a igreja no plano de Deus como o verdadeiro Israel, sem substituir o Israel original, mas cumprindo sua vocação no Reino de Deus.

Ética: No Evangelho de Mateus, a ética é profundamente ligada ao cumprimento da vontade de Deus de maneira plena e abundante. Jesus enfatiza a importância de viver conforme a justiça divina, que vai além da simples observância dos preceitos da Torá, buscando o sentido profundo e original desses mandamentos.

Isso inclui a prática concreta da justiça no cotidiano, como alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, acolher os estrangeiros, vestir os nus, cuidar dos doentes e visitar os encarcerados. Jesus se identifica com os vulneráveis, e viver a ética cristã significa assumir a responsabilidade por esses pequenos e fracos, imitando a misericórdia de Deus.

4. Sugestões de aplicações práticas da Teologia de Mateus

O Evangelho de Mateus aborda muitos aspectos práticos que poderiam ser desenvolvidos aqui, mas por uma questão de limitação são abordados três pontos: ética, caridade e lealdade vistos sob ótica do sermão do monte, da cena do grande julgamento de Mateus 25, e, das advertências de Mateus 10.

Ética do Sermão do Monte (Mateus 5-7): O Sermão do Monte oferece uma ética radical que nos desafia a viver de maneira contracultural, buscando a justiça e a pureza de coração. Em termos práticos, podemos aplicar esses ensinamentos cultivando a humildade, a misericórdia e a pacificação em nossas relações diárias. Devemos ser a "luz do mundo" e o "sal da terra", agindo com integridade e autenticidade, sem nos conformarmos com os padrões do mundo. Jesus nos chama a amar nossos inimigos e a orar por aqueles que nos perseguem, demonstrando um amor que vai além das convenções humanas. Viver essa ética significa refletir o caráter de Deus em nossas atitudes, promovendo reconciliação e paz.

Ações de Mateus 25:31-46 – Serviço ao Próximo: O ensinamento de Jesus em Mateus 25:31-46 nos lembra que a prática da fé se manifesta em ações concretas de cuidado com os necessitados. Isso implica em sermos intencionais em nossa compaixão, ajudando os famintos, sedentos, estrangeiros, nus, enfermos e prisioneiros. Em termos práticos, podemos nos envolver em ações de justiça social, apoiando instituições de caridade, visitando os doentes, e oferecendo hospitalidade aos marginalizados. Jesus deixa claro que servir ao próximo é servir ao próprio Cristo, o que nos desafia a tratar cada pessoa com dignidade e respeito, especialmente aqueles que são mais vulneráveis.

Lealdade a Jesus Acima de Tudo (Mateus 10:37-39): Mateus ensina que seguir a Jesus exige uma lealdade absoluta e acima de todas as outras lealdades, seja à família, ao trabalho ou aos próprios desejos. Em Mateus 10:37-39, Jesus chama seus discípulos a colocar sua devoção a Ele acima de qualquer outra prioridade. Em termos práticos, isso significa que devemos estar dispostos a sacrificar nossos interesses pessoais, conforto ou até mesmo relacionamentos que nos afastam de Cristo. Viver essa lealdade envolve fazer escolhas diárias que refletem nosso compromisso com os valores do Reino, mesmo quando essas escolhas são impopulares ou exigem sacrifícios.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS:

[Uma breve introdução teológico-literária do Evangelho de Mateus em dois vídeos do canal Bible Project Português:

Mateus 1-13. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VskOdIySJQI>

Mateus 14-28. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4E-Ju-WKe1k>

LEITURA COMPLEMENTAR

Uma pesquisa sobre a recepção do Evangelho de Mateus, no Brasil, pode ser encontrada aqui - LEONEL, João. O evangelho de Mateus e a história da leitura em edições bíblicas brasileiras. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. e63484p, jan./março 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/dHSnhThpJPDXPmd9VzMXr8G/?format=pdf&lang=p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta unidade apresentou uma introdução geral ao Evangelho de Mateus.

Em primeiro lugar, abordam-se as questões introdutórias, como a estrutura, questões da escrita, autoria, data, destinatários e as características singulares de Mateus, que combina narrativas e temas teológicos essenciais, além de seu uso extensivo do Antigo Testamento para demonstrar o cumprimento das profecias em Jesus. Embora tenha pontos de convergência com os outros Evangelhos Sinóticos, Mateus destaca-se por sua ênfase no Reino dos Céus e seu retrato de Jesus como o Messias prometido.

Além disso, foram explorados os principais temas teológicos, como cristologia, Reino dos Céus, conflitos de autoridade e ética. A aplicação prática desses temas foi sugerida com base nos ensinamentos de Jesus, especialmente no Sermão do Monte e na cena do grande julgamento (Mateus 25), onde a ética do cuidado com os necessitados, a busca pela justiça e a lealdade a Cristo são elementos centrais para uma vida cristã autêntica.

UNIDADE 3 - INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MARCOS

Objetivos da Unidade:

1. Introduzir o Evangelho de Marcos, destacando sua estrutura e mensagem central.
2. Identificar a singularidade de Marcos em relação aos outros Evangelhos Sinóticos.
3. Examinar os principais temas teológicos presentes no Evangelho de Marcos.
4. Sugerir aplicações práticas dos temas teológicos explorados em Marcos para a vida cristã,

1. Abertura e Apresentação

O Evangelho de Marcos é considerado por muitos o primeiro Evangelho a ser escrito, tem uma estrutura robusta focada em ações que confirmam a premissa inaugural apresentada em Marcos 1:1 “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. “Muitas pessoas pensam que o evangelho de Marcos foi o primeiro a ser escrito e, certamente, possui toda energia e todo vigor de uma história rápida e impetuosa, com o objetivo de impressioná-lo e fazê-lo encarar a verdade sobre Jesus, sobre Deus e sobre si mesmo” (Wright, 2020b, p. 12-13). Sobre a composição deste Evangelho, Marconcini explica:

O material é composto de aproximadamente 95 narrativas, com 11.240 palavras, 1.345 vocábulos, 30 ápax, ou seja, vocábulos não usados em outros lugares do Novo Testamento. A língua é o grego popular da *koiné*, com semitismos (*talithà kum*, *effethâ*, *korbân*, *Abbà*), porém não de tal modo a justificar um original aramaico, com alguns latinismos (*praitórion*, *kentyrion*), com estilo vivaz, próprio da língua falada, pouco cuidado gramatical e sintaticamente, que privilegia a parataxe ou coordenação assindética (cf. 6,30-33), inclinado a empregar anacolutos (cerca de 20) com repetição de frases. Tudo evidencia o estilo do narrador, atestado também pelo frequente “*logo em seguida*” e pelo presente histórico (150 ocorrências), contudo, com efeitos positivos cativantes, como se falasse para você de modo simples e espontâneo (Marconcini, 2012, p. 90).

Conforme visto na unidade 2, esta parte foca nas questões introdutórias: autoria, data, local de escrita, destinatários, propósitos e a escolha de uma estrutura para todo o Evangelho estudado na unidade. Assim segue-se a sequência citada⁸.

Autoria: Assim como os demais evangelhos, Marcos não foi explicitamente assinado por seu autor. No entanto, a tradição e a análise de fontes internas e externas permitem fazer inferências sobre o autor e o contexto em que foi escrito.

A tradição cristã atribui o Evangelho a João Marcos, um colaborador próximo do apóstolo Pedro. Segundo o historiador Papias (cerca de 130 d.C.), Marcos registrou os ensinamentos de Pedro, embora não tenha sido uma testemunha ocular direta dos eventos relatados. Autores como Bock (2013) sugerem que Marcos escreveu baseado nas pregações de Pedro, sendo uma síntese da narrativa do apóstolo. Estão colocados abaixo, pontos contrários e à favor da autoria de João Marcos ao Segundo Evangelho:

Pontos contrários à autoria de João Marcos:

1. **Ignorância da Geografia da Palestina:** Marcos parece não conhecer bem a geografia da região, com erros em suas descrições.
2. **Falta de compreensão dos costumes judaicos:** Há sinais de desconhecimento sobre tradições e o calendário judaico.
3. **Influência fraca de Pedro e Paulo:** O evangelho apresenta pouca influência da pregação de Pedro e de doutrinas paulinas, como a justificação.

Pontos favoráveis à autoria de João Marcos:

1. **Apoio da tradição antiga:** A tradição, desde Papias, identifica Marcos como o autor, baseado no testemunho de Pedro.
2. **Conexão com Pedro:** Marcos descreve Pedro com detalhes e segue um padrão semelhante ao querigma apostólico encontrado em Atos.
3. **Detalhes vívidos:** O evangelho inclui descrições detalhadas, como a menção à grama verde (Marcos 6:39), indicando possível testemunho ocular.

⁸ Esta seção se baseia no que se encontra em: Alexandre Júnior (2021); Bock (2013); Blomberg (2009); Carson e Moo (2024); Marconcini (2012); Pinto (2021); Stott (1996); Wright e Bird (2023).

4. **Pedro em destaque:** Pedro é frequentemente mencionado e aparece de forma central no evangelho.
5. **Cenáculo:** A descrição detalhada do local da Última Ceia sugere que João Marcos poderia ter ligação direta com o ambiente.
6. **Objecção à pseudonímia:** Se fosse um texto pseudônimo, seria mais lógico atribuí-lo a um apóstolo, não a alguém de menor autoridade como Marcos.

Data: A maioria dos estudiosos concorda que o Evangelho de Marcos foi provavelmente escrito entre os anos 65 e 70 d.C., mas há quem proponha datas anteriores, situando sua composição nas décadas de 40, 50 ou 60. Um dos principais argumentos a favor de uma datação na década de 50 baseia-se na hipótese de que Marcos foi o primeiro Evangelho escrito. O livro de Atos termina com Paulo preso em c. 62 d.C., levando muitos a concluir que Atos foi escrito próximo a essa data. Se Atos foi finalizado no início dos anos 60, o Evangelho de Lucas, que precede os Atos, teria sido escrito no início dessa década. Como Lucas depende de Marcos para parte significativa de seu material e estrutura, isso indicaria que Marcos foi composto ainda antes, possivelmente na segunda metade da década de 50. Dessa forma, de acordo com Carson e Moo (2024), uma data apropriada para o Evangelho de Marcos seria entre o final dos anos 50 e meados da década de 60.

Local da escrita: O local tradicionalmente aceito para a composição do Evangelho de Marcos é Roma. No entanto, outras localidades como Egito, Antioquia da Síria, alguma região do Oriente e até a Galileia também foram sugeridas. As numerosas alusões ao sofrimento, que seriam apropriadas caso o evangelho tenha sido escrito sob a sombra da perseguição à igreja em Roma, e o fato de que 1 Pedro 5:13 situa Marcos em Roma junto com Pedro no início da década de 60, além do testemunho da tradição, indicam Roma como o local mais provável da escrita.

Destinatários: O público-alvo de Marcos parece ser os cristãos gentios, ou especificamente romanos, por causa das seguintes características: **Explicações de Costumes Judaicos:** Marcos frequentemente explica costumes judaicos que seriam desconhecidos para leitores gentios. Por exemplo, em Marcos 7:3-4, ele detalha as práticas de purificação dos judeus. **Uso de Termos Latinos:** O evangelho contém vários termos latinos, o que sugere que estava direcionado a leitores familiarizados

com a cultura romana. Palavras como “centurião” (Marcos 15:39) e “quadrante” (Marcos 12:42) são exemplos. **Foco em Ações e Milagres:** Marcos enfatiza as ações e milagres de Jesus mais do que seus ensinamentos prolongados, o que pode ter sido uma estratégia para atrair a atenção dos romanos, que valorizavam feitos e resultados. **Ausência de Genealogia:** Diferente de Mateus e Lucas, Marcos não inclui uma genealogia de Jesus, o que pode indicar que ele não estava preocupado em estabelecer a linhagem judaica de Jesus para uma audiência que não valorizava essas conexões. **Referências à Perseguição:** O evangelho contém várias alusões ao sofrimento e à perseguição, o que seria relevante para uma comunidade gentílica que enfrentava perseguições sob o Império Romano.

Propósitos do Evangelho:

“Embora não haja afirmações diretas do propósito com que o evangelho de Marcos foi escrito, há indicações de que sua preocupação principal fosse comunicar a verdade da divindade e da messianidade de Jesus Cristo” (Pinto, 2021, p. 79). Que o Evangelho de Marcos destaca a messianidade de Jesus é inegável, mesmo que tenha o segredo messiânico (visto na próxima seção), mas Wright e Bird (2023) trazem uma ponderação mais acurada, eles informam que, muitos estudiosos acreditam que o propósito de Marcos era ajudar a igreja a esclarecer seu entendimento sobre quem era Jesus e o que significava segui-lo como discípulo, especialmente em tempos difíceis e conflitantes. Marcos aborda principalmente duas áreas: a cristologia (quem é Jesus) e o discipulado (o que é seguir Jesus). Embora essas sejam interpretações válidas, Wright e Bird argumentam que o Evangelho de Marcos é, na verdade, uma apologia de um Messias crucificado e uma crítica ao poder imperial de Roma. Para esses estudiosos, Marcos escreveu com o objetivo de explicar por que o Messias de Deus sofreu e morreu, confrontando a expectativa de um líder político vitorioso. Jesus não foi derrotado pelos poderes terrenos, mas escolheu a cruz como o meio de inaugurar o Reino de Deus, desafiando a lógica do poder e da dominação humana. O autor conecta a figura de Jesus à profecia do servo sofredor de Isaías e ao Filho do

Homem de Daniel, mostrando que sua missão culmina na cruz, não como derrota, mas como cumprimento do plano divino.

Além disso, Marcos pode estar lançando uma crítica ao Império Romano. Ao usar termos como "evangelho", "Senhor" e "Reino de Deus", Marcos coloca Jesus como aquele que introduz uma nova ordem mundial, contrastando com o poder imperial. A crucificação de Jesus é retratada como um triunfo alternativo, em oposição aos desfiles de vitória romanos. A confissão do centurião romano de que Jesus era o "Filho de Deus" sugere uma ironia, pois ele utiliza um título reservado a César, destacando o confronto entre o Reino de Deus e o Império Romano.

Estrutura: Vários autores apresentam modelos de estruturas gerais para o Evangelho de Marcos, de acordo com o aspecto ou os aspectos realçados por eles, diante disso, o autor desta apostila escolheu um dentre muitos modelos, o que é apresentado por Blomberg (2009, p. 130, tradução nossa):

- I. Introdução: O Início do Evangelho (1:1–13)
- II. O Ministério do Cristo (1:14–8:30)
 - A. A Autoridade de Jesus e a Cegueira dos Fariseus (1:14–3:6)
 - 1. Introdução (1:14–20)
 - 2. Milagres de Cura (1:21–45)
 - 3. Histórias de Controvérsia (2:1–3:6)
 - B. As Parábolas e Sinais de Jesus e a Cegueira do Mundo (3:7–6:6a)
 - 1. Discipulado e Oposição (3:7–35)
 - 2. Parábolas (4:1–34)
 - 3. Mais Milagres Dramáticos (4:35–6:6a)
 - C. O Ministério de Jesus aos Gentios e a Cegueira dos Discípulos (6:6b–8:30)
 - 1. Mais Missão, Oposição e Milagres (6:6b–56)
 - 2. Limpo e Impuro: Retirada de Israel (7:1–8:21)
 - 3. Visão Física e Espiritual (8:22–30)
- III. A Paixão do Cristo (8:31–16:8)
 - A. Previsões de Morte e o Significado do Discipulado (8:31–10:52)
 - 1. Cruz e Ressurreição Antecipadas (8:31–9:29)
 - 2. Sobre o Verdadeiro Servir (9:30–50)

3. Ministério na Judeia à Luz da Cruz (10:1–52)
- B. Jesus e o Templo (11:1–13:37)
 1. Entrada e Julgamento (11:1–25)
 2. Ensino e Debate (11:27–12:44)
 3. Previsão da Destrução e Retorno de Cristo (13:1–37)
- C. O Clímax da Vida de Jesus (14:1–16:8)
 1. Preparação para o Sofrimento (14:1–72)
 2. Crucificação (15:1–47)
 3. Ressurreição (16:1–8)

2. As singularidades de Marcos para com Mateus e Lucas⁹

Uma vez que já identificamos, na unidade 2, os pontos de convergência entre os Evangelhos Sinóticos, nos debruçarmos apenas nas singularidades do Evangelho estudado nesta seção, ocorrerá o mesmo na próxima unidade, ao estudarmos sobre o Evangelho segundo Lucas. Apenas deixamos uma citação que demonstra a interrelação entre os Sinóticos, tendo Marcos como base, logo após iniciam-se as características singulares do evangelho marcano:

Para ter uma ideia do escopo de concordância que temos nos Evangelhos Sinópticos, podemos indicar as seguintes aproximações. Quase todo o Evangelho de Marcos, cerca de 90%, é encontrado em Mateus, enquanto mais de 50% de Marcos é encontrado em Lucas. Dos aproximadamente 665 versículos de Marcos (sem contar o final mais longo de Marcos), cerca de 600 são encontrados em Mateus ou Lucas. Assim, apenas cerca de sessenta e cinco versículos de Marcos não são encontrados nos outros dois Sinóticos; dos oitenta e oito perícopes de Marcos, apenas quatro ou cinco estão ausentes nos outros dois Sinóticos (Marcos 3:7–12; 7:32–37; 8:22–26; 4:26–29; 13:33–36). Na tradição tripla (ou seja, material presente nos três Sinóticos), a redação de Mateus concorda com Lucas contra Marcos em apenas 6% das vezes. Esses dados por si só sugerem que Marcos fornece o núcleo central dos outros dois Sinóticos (Hagner, 2012, p. 132, tradução nossa).

Omissão das genealogias

⁹ De forma geral esta seção está baseada em: Hagner (2012); Powell (2018); Schnackenburg (2001); Stein (2008); Stott (1996); Thielman (2007).

Marcos não se preocupa em apresentar uma linhagem que conecte Jesus a figuras importantes do passado, como Abraão ou Davi. Essa escolha reflete a ênfase do evangelho: para Marcos, a identidade de Jesus como o Filho de Deus não depende de sua ancestralidade ou de seu status social, mas de suas ações e, principalmente, de sua morte sacrificial. Ao omitir a genealogia, Marcos evita uma abordagem mais formal ou tradicional da messianidade, optando por um foco direto na figura de Jesus em seu ministério terreno e sua paixão.

Estrutura concisa e voltada para ação

Ao contrário de Mateus e Lucas, que apresentam longos sermões e ensinamentos de Jesus, Marcos oferece uma narrativa rápida, cheia de movimento e acontecimentos. A palavra “imediatamente” (grego: εὐθὺς) aparece com frequência, reforçando o ritmo acelerado da narrativa. Marcos descreve Jesus como um homem de ação, constantemente em movimento, realizando milagres, curando os doentes e enfrentando desafios. Essa abordagem torna o evangelho acessível e direto, com menos ênfase na teologia discursiva e mais foco nas obras e no ministério de Jesus. O texto é dinâmico e direto, com uma sequência rápida de acontecimentos que mantém o leitor envolvido; enfatiza a urgência e a importância das ações de Jesus, destacando seus milagres, exorcismos e interações com as pessoas ao seu redor.

Estruturas sanduíches¹⁰

O artigo de James R. Edwards explora a técnica narrativa conhecida como “sanduíche” no Evangelho de Marcos, onde uma história é interrompida por outra, aparentemente desconexa, antes de retornar à narrativa original. Exemplos incluem o relato de Jairo, onde a cura da filha de Jairo é interrompida pela história da mulher com hemorragia, e a maldição da figueira, que é interrompida pela purificação do templo. A técnica tem sido pouco discutida pela crítica tradicional, que focava mais nas fontes orais que compunham os Evangelhos. No entanto, com o surgimento de abordagens estruturalistas, a técnica de “sanduíche” tem ganhado mais atenção, com

¹⁰ Este tópico foi elaborado com base em: EDWARDS, James R. Markan Sandwiches the significance of interpolations in Markan Narratives. In: ORTON, David E. (org.). **The Composition of Mark's Gospel**. Leiden: Koninklijke Brill NV, 1999, p. 192-215

alguns estudiosos sugerindo que ela não apenas cria suspense, mas também serve a propósitos teológicos.

A tese principal de Edwards é que Marcos usa essa técnica com um propósito teológico claro, e não apenas literário. O “sanduíche” enfatiza temas centrais do Evangelho de Marcos, como a fé, o discipulado e os perigos da apostasia. Em muitos casos, a história inserida no meio fornece a chave para entender o significado teológico da narrativa principal. Assim, a técnica não só conecta as duas narrativas, mas também ilumina as mensagens espirituais que Marcos deseja transmitir, especialmente sobre a necessidade de seguir Jesus e o caminho do sofrimento.

Edwards também investiga precedentes dessa técnica em literaturas anteriores ao Evangelho de Marcos, como na Bíblia Hebraica. Exemplos como a história de Oseias e Gomer e a história de Davi e Bate-Seba mostram interrupções narrativas que ajudam a interpretar a história principal. Embora Marcos não pareça depender diretamente dessas tradições, Edwards argumenta que a técnica de “sanduíche” é única no Evangelho de Marcos, diferenciando-o de outros textos e Evangelhos sinóticos, como Mateus e Lucas.

Os sanduíches no Evangelho de Marcos são estruturas literárias em que uma narrativa é interrompida por outra, formando um esquema A1-B-A2. A parte B é uma unidade independente, enquanto as partes A1 e A2 se completam mutuamente. Abaixo está uma tabela com as nove histórias encontradas no Evangelho de Marcos.

Quadro 1 – Estruturas Sanduíches no Evangelho de Marcos

Passagem	Parte A1	Parte B	Parte A2
Marcos 3:20-35	Os companheiros de Jesus tentam detê-lo (vv. 20-21)	Os líderes religiosos acusam Jesus de estar com Belzebu (vv. 22-30)	A família de Jesus o procura (vv. 31-35)
Marcos 4:1-20	Parábola do semeador (vv. 1-9)	Propósito das parábolas (vv. 10-13)	Explicação da parábola do semeador (vv. 14-20)
Marcos 5:21-43	Jairo pede a Jesus para salvar sua filha (vv. 21-24)	Mulher com hemorragia toca Jesus (vv. 25-34)	Jesus ressuscita a filha de Jairo (vv. 35-43)
Marcos 6:7-30	Missão dos Doze (vv. 7-13)	Martírio de João Batista (vv. 14-29)	Retorno dos Doze (v. 30)
Marcos 11:12-21	Maldição da figueira (vv. 12-14)	Purificação do templo (vv. 15-19)	A figueira murcha (vv. 20-21)

Marcos 14:1-11	Conspiração para matar Jesus (vv. 1-2)	Unção de Jesus em Betânia (vv. 3-9)	Judas faz acordo para trair Jesus (vv. 10-11)
Marcos 14:17-31	Jesus prediz sua traição (vv. 17-21)	Instituição da Ceia do Senhor (vv. 22-26)	Jesus prediz a negação de Pedro (vv. 27-31)
Marcos 14:53-72	Pedro segue Jesus ao pátio do sumo sacerdote (vv. 53-54)	Interrogatório de Jesus pelo Sinédrio (vv. 55-65)	Negação de Pedro (vv. 66-72)
Marcos 15:40-16:8	Mulheres observam a crucificação (vv. 15:40-41)	José de Arimateia pede o corpo de Jesus (vv. 15:42-46)	Mulheres encontram o túmulo vazio (vv. 15:47-16:8)

Fonte: Baseado em Edwards, p. 196-197, tradução nossa.

Essa estrutura enfatiza a conexão entre as narrativas que se intercalam, adicionando camadas de significado ao texto.

O Segredo messiânico

Em várias passagens, Jesus instrui aqueles que foram curados ou testemunharam seus milagres a não contar a ninguém sobre o que viram. Além disso, Jesus frequentemente impede que demônios e espíritos malignos revelem sua verdadeira identidade como o Filho de Deus. Esse segredo é um tema intrigante para os estudiosos, e uma das explicações é que Marcos quis enfatizar que a verdadeira natureza de Jesus como Messias só pode ser compreendida à luz de sua paixão e morte. O poder messiânico de Jesus não se revela por meio de feitos espetaculares, mas através de seu sacrifício final na cruz. Esse segredo messiânico cria um senso de mistério e expectativa ao longo do evangelho.

Ênfase na Paixão de Cristo

Marcos dedica uma atenção especial à paixão de Cristo, enfatizando de forma significativa os eventos que antecedem e culminam na crucificação de Jesus. Quase um terço de seu evangelho é dedicado à última semana de vida de Jesus, sugerindo que a crucificação é o ponto central de sua narrativa. Desde o anúncio de sua paixão até a sua morte, Marcos retrata o sofrimento de Jesus de maneira intensa, destacando sua solidão, o abandono pelos discípulos e a angústia de ser entregue às autoridades romanas e religiosas. Os capítulos finais detalham a traição, prisão, julgamento, crucificação e ressurreição de Jesus, sublinhando a importância desses eventos para a fé cristã. A narrativa da paixão em Marcos é vívida e emocional, destacando o

sofrimento e a entrega de Jesus como o ponto culminante de sua missão terrena. Para Marcos, o sofrimento e a morte de Jesus são essenciais para a compreensão de sua missão como o Messias, e seu evangelho é, em muitos sentidos, uma preparação para esse momento crucial.

3. Principais Temas Teológicos do Evangelho de Marcos

O Evangelho segundo Marcos traz vários temas teológicos, mas alguns são proeminentes e são abordados aqui. Destes se destacam a Cristologia, o Discipulado e o Reino de Deus.¹¹

Discipulado (De Silva, 2004, p.198): Marcos aborda de maneira clara o custo do discipulado. O autor transforma experiências de rejeição e hostilidade em uma participação significativa no caminho do Senhor, instalando uma reavaliação da confissão “tu és o Cristo”. Ele reconhece que as tradições orais e as coleções de ditos de Jesus podem levar a interpretações errôneas de sua natureza, como um mágico ou um filósofo. Para corrigir isso, Marcos entrelaça relatos de milagres e sabedoria com o discurso sobre o sofrimento e a morte, preservando a verdadeira significância de Jesus. Essa compreensão correta da messianidade de Jesus é essencial para o discipulado. Marcos redefine a relação dos crentes com as Escrituras e a tradição judaica, oferecendo diretrizes sobre como a comunidade cristã deve se conectar com esse legado, ao mesmo tempo que fortalece sua espiritualidade e ética, preparando-os para a volta de Cristo.

Cristologia: A cristologia no Evangelho de Marcos enfatiza tanto a glória quanto o sofrimento de Jesus. Desde o início, Jesus é identificado como o "Filho de Deus" e sua missão está enraizada em um confronto cósmico com Satanás. Marcos retrata Jesus como um poderoso professor e curador, que anuncia a iminência do Reino de Deus, mas que também enfrenta constante oposição e incompreensão, inclusive por parte de seus próprios discípulos. A narrativa é marcada pela crescente revelação da identidade messiânica de Jesus, especialmente por meio de seus

¹¹ O enfoque deste tema se baseia primariamente em: DeSilva (2004); Donahue e Harrington (2002).

milagres e ensinamentos, culminando nas predições de sua Paixão, Morte e Ressurreição. Através dessas predições, Marcos introduz uma compreensão do Messias que inclui o sofrimento como parte integral da missão salvadora de Jesus.

Além de “Filho de Deus”, outros títulos são usados para destacar a identidade de Jesus, como “Messias”, “Filho de Davi” e “Filho do Homem”. Marcos redefine o termo “Messias”, associando-o diretamente ao sofrimento e à cruz. A transfiguração, o sermão sobre o fim dos tempos e a confissão do centurião romano após a morte de Jesus reforçam seu papel como Filho de Deus e Messias sofredor. O título “Filho do Homem” é particularmente significativo, revelando tanto a autoridade divina de Jesus quanto sua função escatológica, como aquele que virá em glória no final dos tempos. Marcos, portanto, desenvolve uma cristologia que articula a natureza divina e humana de Jesus, vinculada inseparavelmente ao sofrimento redentor.

Reino de Deus: “Ambrozic (Reino, 244) considera que a “mensagem primária” do Evangelho é o Reino de Deus, “um Reino ainda por vir que, paradoxalmente, já está presente”. Concordando com a ênfase de Kee no “tempo entre”, este estudo contrasta com a escatologia iminente de Marcos de Marxsen e a escatologia realizada de Marcos por Kelber. Ambrozic argumenta que Jesus inaugura o Reino de Deus por suas palavras, ações e destino. Mas a presença do Reino permanece “oculta” até sua futura manifestação no fim dos tempos. A pertinência do Evangelho de Marcos para seus leitores reside em que pouco, exceto pelo segredo messiânico que terminou com os eventos da morte e ressurreição de Jesus, mudou entre o tempo do ministério de Jesus e os dias de Marcos. Como no ministério de Jesus, Deus continua a trabalhar por meio das palavras e ações da comunidade para estabelecer o Reino “oculto”. Assim como com os Doze, o caráter “oculto” do Reino torna os crentes nos dias de Marcos vulneráveis à fraqueza da fé, ao desânimo e à rejeição. No entanto, o Evangelho lembra aos leitores que uma “obediência radical ao chamado de Jesus e serviço altruísta aos outros” continua sendo o sinal do Reino presente, embora oculto” (Guelich, 1989, p. xxxviii–xxxix, tradução nossa).

Por fim, colocamos um quadro que aborda a maioria dos temas teológicos no Evangelho segundo Marcos:

Quadro 2 – Raio X dos principais pontos Teológicos de Marcos

Tema Teológico	Descrição
1. Visão Marcana sobre Jesus	A abordagem de Marcos sobre Jesus destaca a dualidade entre sua glória e sofrimento, enfatizando que a cruz é central à sua identidade e missão.
1.1 Dualidade entre Glória e Sofrimento	Marcos equilibra os milagres e autoridade de Jesus com sua jornada de sofrimento e morte, sublinhando que o messias glorioso é também o servo sofredor (8:31; 9:12; 10:33-34). A cruz revela o caráter messiânico de Jesus, onde sua glória se manifesta por meio do sacrifício (15:39).
1.2 Cristologia Distinta	O título “Filho de Deus” é usado em momentos estratégicos para ressaltar a divindade de Jesus (1:1; 9:7; 15:39). Ao longo do Evangelho, Jesus mantém uma atitude de reserva sobre sua identidade messiânica, o “segredo messiânico”, até que ela seja plenamente revelada na cruz (8:30; 9:9). Essa revelação final redefine a expectativa de um messias conquistador.
1.3 Serviço e Sacrifício	Marcos 10:45 encapsula a missão de Jesus: ele veio “não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”. Jesus exemplifica o modelo de serviço sacrificial que seus discípulos devem seguir. Este sacrifício culmina na cruz, mas também permeia seu ministério de cura, ensino e exorcismo
2. Discipulado e Falhas dos Discípulos	Os discípulos são retratados como figuras que repetidamente falham em compreender quem Jesus é e qual é o significado de sua missão (6:52; 8:17-21). Suas falhas, no entanto, são parte de seu processo de aprendizado, que só é completado após a ressurreição. Marcos apresenta o discipulado como uma jornada de crescimento e autossacrifício (8:34-35).
3. Fé	A fé é central à resposta que Jesus busca, mas ela se manifesta frequentemente de maneiras inesperadas. Enquanto os discípulos demonstram fé fraca ou incompreensão, outras figuras, como o centurião romano (15:39) e a mulher siro-fenícia (7:24-30), demonstram fé exemplar. A verdadeira fé se desenvolve ao longo do caminho de sofrimento e revelação.
4. Escatologia Imediata	Marcos reflete uma forte expectativa pela iminente volta de Cristo, especialmente no discurso escatológico em Marcos 13. O Reino de Deus está em andamento, mas sua consumação completa virá com a volta do Filho do Homem. Essa urgência escatológica molda o entendimento do discipulado e a postura ética dos seguidores de Jesus.
5. Boa Nova (Evangelho)	Marcos introduz o termo “evangelho” como a boa nova de Deus revelada em Jesus Cristo (1:1). A “boa nova” não é apenas uma mensagem, mas uma pessoa: Jesus, cuja vida, morte e ressurreição inauguraram o Reino de Deus e oferecem redenção

	à humanidade. A história de Jesus é, em si mesma, a boa nova que transforma vidas e dá esperança.
6. Êxodo Novo	Marcos conecta a missão de Jesus com o conceito do novo êxodo ao citar Isaías (1:2-3), estabelecendo um paralelo entre a libertação do Egito e a libertação espiritual trazida por Jesus. Ele conduz o povo de Deus a uma nova era de salvação, com sua morte e ressurreição como o ponto culminante dessa jornada espiritual.
7. Comando ao Silêncio (Segredo Messiânico)	O “segredo messiânico” de Marcos envolve o comando de Jesus para que aqueles que testemunham suas curvas e revelações não proclamem sua identidade (1:34; 5:43; 8:30). Isso visa evitar a compreensão errônea de sua missão messiânica até que a cruz revela a verdadeira natureza de seu reinado (15:39).
8. Inclusão e Exclusão (Insiders e Outsiders)	Marcos inverte expectativas ao mostrar que muitas vezes os marginalizados (mulheres, gentios, doentes) possuem maior fé e compreensão de Jesus do que os líderes religiosos ou até mesmo os discípulos (3:31-35; 5:34; 7:24-30). O Reino de Deus acolhe os “outsiders”, enquanto os “insiders” frequentemente demonstram resistência ou incredulidade.
9. Gentios	A inclusão dos gentios é uma característica notável de Marcos, especialmente em histórias como a do exorcismo do geraseno (5:1-20) e a fé da mulher siro-fenícia (7:24-30). O centurião romano que reconhece Jesus como Filho de Deus na cruz (15:39) representa a abertura do evangelho para o mundo gentílico.
10. Jornada (Caminho para a Cruz)	A jornada de Jesus é um tema recorrente em Marcos, refletindo não apenas seu movimento físico em direção a Jerusalém, mas também o caminho espiritual que leva à cruz. Seguir Jesus implica tomar a própria cruz e entrar nesse caminho de sofrimento e autossacrifício (8:34-35). A trajetória de Jesus é, portanto, um modelo para o discipulado.

Fonte: Baseado em: Blomberg, 2009, p. 131-135, e, Edwards, 2002, p. 16-20, tradução nossa.

4. Sugestões de aplicações práticas da Teologia de Marcos¹²

A partir das mensagens centrais do Evangelho de Marcos, podemos delinear algumas propostas práticas para a vida cristã. Essas pautas refletem a essência do Evangelho de Marcos e podem servir como guias para uma vida cristã ativa, dedicada e humilde, sempre buscando seguir o exemplo de Jesus em todas as áreas da vida.

¹² Esta parte é baseada em: Grilli (2016); Hagner (2012); Powell (2018); Schnackenburg (2001); Stein (2008); Stott (1996); Thielman (2007).

Fé ativa e comprometida: O Evangelho de Marcos chama os cristãos a vivenciarem uma fé que se traduz em ações práticas e cotidianas. Não basta apenas crer; é preciso demonstrar essa fé através de atitudes que refletem o amor e a compaixão de Cristo. Jesus não apenas pregou, mas viveu o serviço e a obediência ao Pai, servindo aos outros de maneira sacrificial. Da mesma forma, os crentes são chamados a se engajar em atividades que promovam o bem comum, como atos de caridade, voluntariado e apoio emocional e espiritual a quem está em sofrimento. A fé deve ser vista como um estilo de vida, permeando todas as esferas – desde as relações familiares até a maneira de agir no ambiente profissional. Viver uma fé ativa é colocar as palavras de Jesus em prática, fazendo do amor ao próximo e do serviço os pilares dessa jornada espiritual.

Discipulado e aceitação do sofrimento: O chamado ao discipulado no Evangelho de Marcos envolve sacrifício, entrega e aceitação dos desafios inerentes à caminhada cristã. Seguir Jesus implica tomar a própria cruz, ou seja, aceitar os sofrimentos e as dificuldades como parte do processo de crescimento espiritual. Assim como Cristo enfrentou a cruz e o sofrimento, os crentes são convidados a enxergar seus próprios desafios como oportunidades de amadurecimento e de aprofundamento da fé. A vida cristã não está isenta de dificuldades, mas o exemplo de Jesus nos ensina a encará-las com coragem e esperança, sabendo que, no fim, a vitória é certa. Na prática, isso significa perseverar nos momentos difíceis, manter a fé diante de provações e continuar confiando em Deus, mesmo quando as circunstâncias são adversas. Aceitar o sofrimento como parte da caminhada de discipulado é uma forma de imitar a Cristo em sua obediência e humildade.

Serviço humilde e sacrificial: Um dos principais ensinamentos de Marcos é que a verdadeira grandeza no Reino de Deus está no serviço humilde e sacrificial. Jesus, o Filho de Deus, não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos (Marcos 10:45). Da mesma forma, os cristãos são chamados a adotar uma postura de humildade, colocando o bem-estar do outro à frente de seus próprios interesses. Isso se manifesta no cuidado pelos marginalizados, no apoio aos necessitados e na disposição para ajudar, mesmo quando isso exige sacrifício pessoal. Viver o serviço cristão significa estar disposto a abrir mão do conforto e do

status em prol do Reino de Deus, seguindo o exemplo de Jesus. Essa atitude de humildade e serviço não apenas abençoa aqueles que recebem ajuda, mas também transforma o coração daquele que serve, tornando-o mais parecido com Cristo.

Esperança e vigilância diante dos desafios: O Evangelho de Marcos também enfatiza a importância da esperança escatológica e da vigilância espiritual. Jesus alerta seus discípulos para estarem sempre preparados para a vinda do Reino de Deus e para perseverarem em tempos de perseguição e sofrimento. A esperança na vitória final de Cristo deve ser a força motriz para os crentes enfrentarem os desafios da vida com coragem e confiança. Isso inclui manter uma vida de oração constante, cultivar uma mente focada nas promessas de Deus e estar atento às oportunidades de proclamar o evangelho. Mesmo em meio às dificuldades, como perseguições ou tempos de provação, a vigilância espiritual garante que o cristão não perca de vista o propósito maior de sua fé. A prática dessa esperança se traduz em perseverança, confiança no plano de Deus e preparação para a vinda do Reino, vivendo cada dia como uma oportunidade de demonstrar a fidelidade a Cristo.

INDICAÇÃO DE VÍDEO:

[Uma breve introdução teológico-literária do Evangelho de Marcos, do canal Bible Project Português: **Marcos**. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=EOT1Mo_YERM

LEITURA COMPLEMENTAR

Uma análise dos métodos de ensino de Jesus em Marcos, pode ser encontrada aqui. FONSECA, D.; BARBOSA, P. G. O.; COZZER, R. R. A DIDÁTICA DE JESUS: Uma análise a partir do Evangelho segundo Marcos. **Revista Teológica Doxia**, [S. I.], v. 9, n. 13, p. 10–37, 2024. Disponível em:
<https://faculdadebrasileiracrista.edu.br/revista/index.php/doxia/article/view/22>. Acesso em: 17 set. 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta unidade apresentou uma introdução geral ao Evangelho de Marcos.

Em primeiro lugar, foi abordada a estrutura do Evangelho, que é centrada na narrativa do ministério de Jesus, desde seu batismo até sua crucificação e ressurreição. Marcos se destaca por seu estilo direto e ágil, com ênfase nas ações de Jesus mais do que em seus discursos longos. A sua mensagem central está ligada à identidade messiânica de Jesus e à revelação progressiva dessa identidade ao longo da narrativa, em meio à incompreensão dos discípulos e o segredo messiânico.

A unidade também explorou os principais temas teológicos presentes no Evangelho de Marcos. O discipulado é um dos temas centrais, mostrando os desafios de seguir a Jesus, que inclui sofrimento e a negação de si mesmo. A fé é retratada como fundamental para a compreensão de quem é Jesus e para a recepção de seus milagres. Outro tema importante é a inclusão dos gentios, com Marcos mostrando que o ministério de Jesus ultrapassa as fronteiras de Israel, abrindo espaço para todas as nações. Além disso, o “comando ao silêncio” — quando Jesus ordena que sua identidade não seja revelada — reforça o mistério sobre sua missão e o tempo apropriado para sua revelação completa.

Por fim, a unidade destacou, através de propostas de ação, que o Evangelho de Marcos é uma jornada de revelação, onde a verdadeira identidade de Jesus como Filho de Deus é progressivamente exposta e compreendida, desafiando tanto seus seguidores quanto seus leitores a refletirem sobre o custo do discipulado e o significado da fé.

UNIDADE 4 - INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE LUCAS

Objetivos da Unidade:

1. Introduzir o Evangelho de Lucas, destacando sua estrutura e mensagem central.
2. Identificar a singularidade de Lucas em relação aos outros Evangelhos Sinóticos.
3. Examinar os principais temas teológicos presentes no Evangelho de Lucas.
4. Sugerir aplicações práticas dos temas teológicos explorados em Lucas para a vida cristã,

1. Abertura e Apresentação

O Evangelho segundo Lucas é essencialmente uma narração¹³, conforme Marguerat (2015) declara:

Enquanto Marcos refere seu texto ao “Evangelho de Jesus Cristo” (Mc 1,1), Lucas anuncia a Teófilo sua intenção de escrever uma “narração” (διήγησις, 1,1) de tudo o que se passou; esse termo enuncia o projeto literário de apresentar uma narração conforme às regras da historiografia antiga. De fato, Lucas se revela um excelente contador; seu talento narrativo não exclui, veremos, uma intenção teológica. (Marguerat, 2015, p. 110).

O Evangelho de Lucas destaca-se por sua forma narrativa detalhada, sendo estruturado como uma obra historiográfica nos moldes da antiguidade. Lucas, ao endereçar seu relato a Teófilo, anuncia a intenção de fornecer um relato ordenado dos acontecimentos relacionados à vida e ministério de Jesus, desde seu nascimento até a ascensão. Esse cuidado na organização cronológica e na contextualização dos eventos demonstra o compromisso do autor em transmitir uma história confiável, que

¹³ “A Lucas refere-se especialmente aqueles que cultivam a ‘teologia narrativa’. Ele ensina que a exposição da fé e a sua profissão se dá não mediante colocações abstratas e matemáticas, mas por meio de histórias. Ele supera os outros evangelistas como hábeis narrador. Narrando a história de um período, a vida de Jesus, ele quer nos dizer quem ele é” (Marconcini, 2012, p. 156).

seja teologicamente rica, mas também acessível e compreensível. A narrativa lucana, assim, vai além de uma mera biografia, buscando revelar o plano redentor de Deus.

Introduzir o estudo do Evangelho de Lucas exige uma compreensão tanto de seu estilo narrativo quanto de sua mensagem teológica. Lucas não apenas narra os eventos da vida de Jesus, mas também destaca a compaixão divina e a inclusão de grupos marginalizados, como os pobres, mulheres e gentios. A ênfase no papel do Espírito Santo e a preocupação com a justiça social são marcas deste evangelho. Estudar Lucas, portanto, requer atenção à forma como o autor constroi a narrativa, inserindo significados profundos que conectam a história de Jesus ao cumprimento das promessas divinas e à salvação oferecida a toda a humanidade.

Conforme visto nas unidades 2 e 3, esta parte foca nas questões introdutórias: autoria, data, local de escrita, destinatários, propósitos e a escolha de uma estrutura para todo o Evangelho estudado na unidade. Assim segue-se a sequência citada

Autoria: O Evangelho de Lucas é atribuído a Lucas, um companheiro do apóstolo Paulo. Lucas, que também é creditado como o autor do livro de Atos dos Apóstolos, era médico (Cl 4:14) e não parece ter sido um judeu de nascimento, sendo muitas vezes considerado um gentio convertido ao cristianismo (Stein, 1992). Lucas é descrito em várias fontes patrísticas como um colaborador próximo de Paulo, e seus escritos mostram familiaridade com as tradições e viagens missionárias do apóstolo.

O estilo literário sofisticado e a abordagem investigativa mencionada no prólogo de Lucas (Lc 1:1-4) sugerem que o autor era uma pessoa educada, com habilidades em retórica grega, o que indica uma posição de certo prestígio. Lucas também mostra uma profunda familiaridade com a Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, o que reforça sua compreensão das Escrituras judaicas e de sua relevância para a mensagem cristã. No entanto, Lucas sempre interpreta esses textos sob uma perspectiva universalista, destacando a inclusão dos gentios no plano de salvação de Deus (Brown, 2004).

Data: A datação do Evangelho de Lucas é amplamente discutida, com datas sugeridas entre final da década de 50 d.C. e 100 d.C., dependendo de qual corrente de estudiosos seguimos. Uma grande parcela dos estudiosos modernos favorece uma

data posterior à destruição do Templo em 70 d.C., com base em passagens que parecem aludir a esse evento (Lc 19:43-44; 21:6, 20-24). No entanto, outros sugerem que essas passagens podem ser interpretações posteriores, ou reflexões sobre o destino de Jerusalém sem necessariamente indicar que o evento já havia ocorrido (Marshall, 1978).

A data também é apoiada pelo fato de que Lucas usa o Evangelho de Marcos como uma de suas fontes, o que implica que Marcos já teria sido escrito antes de Lucas. Como vimos, Marcos é comumente datado por volta de 65-70 d.C. (embora a data do final das décadas de 50 e início de 60 d.C também tenha fortes argumentos), se combinam essas informações com a relação de Lucas com Atos dos Apóstolos, que narra o desenvolvimento inicial da Igreja, eles dizem que é provável que o evangelho tenha sido composto na década de 80 ou 90 d.C., refletindo um estágio posterior de reflexão teológica e uma Igreja mais estabelecida.

Com relação a datação da década de 60 d.C., ela se insere com base em diversos fatores históricos e contextuais. Primeiramente, o livro de Atos, que é a continuação do Evangelho de Lucas, não menciona eventos importantes posteriores a esse período, como a destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C., sugerindo que foi escrito antes disso. Além disso, o próprio Evangelho não reflete uma situação de perseguição intensa à igreja, o que seria esperado se tivesse sido escrito após 70 d.C. A proximidade temporal com os eventos narrados também reforça a ideia de que Lucas escreveu enquanto havia ainda testemunhas oculares vivas, conforme ele mesmo afirma em seu prólogo (Lc 1,1-4), consolidando uma narrativa histórica e teológica fiel aos acontecimentos.

Local da escrita: Há cinco locais possíveis de escrita do Evangelho de Lucas: Acaia; Beócia; Roma, Alexandria e Decápolis (Pinto, 2021, p.118). O local exato onde Lucas escreveu o evangelho permanece incerto, mas, há uma forte inclinação para a hipótese de que tenha sido escrito em uma comunidade gentílica, possivelmente na região da Síria ou da Grécia (Fitzmyer, 2008).

Destinatários: O destinatário mencionado explicitamente no prólogo de Lucas é Teófilo (Lc 1:3), que pode ter sido um indivíduo de alta posição social. O título “excelentíssimo Teófilo” (Lc 1:3) sugere uma posição de prestígio, possivelmente um

oficial romano ou um patrono do cristianismo (Johnson, 1991). Blomberg, amplia a discussão sobre esse Teófilo e coloca o ponto, de que ele bem poderia ser um patrono membro de uma comunidade cristã, à qual foi endereçada o Evangelho (cf. Carson; Moo, 2024, p.267-269):

Internamente, Lucas dirige seu Evangelho a *Teófilo* (1:1—nome grego que significa “amante [que ama a] de Deus”). Mas não sabemos nada sobre esse indivíduo, exceto que Lucas queria lhe dar maior certeza sobre a verdade da fé. Ele já poderia ser um cristão ou alguém bastante interessado no cristianismo (v. 4). Dado que o prólogo de Lucas (1:1–4) se assemelha muito a outros prefácios greco-romanos nos quais o nome de um patrono é mencionado, Teófilo é provavelmente um grego abastado que financiou o projeto de escrita de Lucas. Ao se dirigir a ele, Lucas não está implicando que ele é a única ou principal pessoa para quem o livro foi escrito. A suposição desde o início da história da igreja é que Lucas estava escrevendo para uma comunidade cristã, da qual Teófilo pode ter feito parte, assim como todos os outros evangelistas fizeram. Afirmar com confiança mais certeza sobre as circunstâncias da composição de Lucas iria além dos dados disponíveis (Blomberg, 2009, 172, tradução nossa).

Propósitos do Evangelho¹⁴:

O propósito do Evangelho de Lucas, além de fortalecer a comunidade cristã, está profundamente enraizado na apologia da identidade cristã. Lucas escreve com a intenção de legitimar e defender o movimento cristão em um mundo marcado por controvérsias e tensões, tanto dentro do judaísmo quanto no contexto do Império Romano. Ao apresentar Jesus como o cumprimento das promessas de Deus e o centro do plano de salvação, Lucas assegura aos seus leitores que a fé cristã é uma continuação legítima da história de Israel. O Evangelho, portanto, não só fortalece a fé dos cristãos, mas também apresenta uma defesa teológica robusta da identidade cristã, exaltando a missão de Jesus como parte integral da fidelidade de Deus às suas promessas redentoras.

Além de destacar o papel de Jesus como Salvador, Lucas também apresenta seu Evangelho com uma preocupação apologética, defendendo a identidade cristã diante de possíveis acusações ou incompreensões externas. O Evangelho de Lucas e o livro de Atos, que forma a segunda parte da obra lucana, servem como uma dupla

¹⁴ Baseado em Green (1997, p. 21-22); Wright e Bird (2023, p. 604-605).

narrativa que não apenas revela a missão de Jesus, mas também a expansão da Igreja e seu testemunho perante o mundo. Em Lucas, Jesus é exaltado como o Messias prometido e, em Atos, seus seguidores são retratados como legítimos continuadores dessa missão. Assim, o propósito de Lucas-Atos é assegurar que o movimento cristão é divinamente ordenado, ao mesmo tempo que responde às dúvidas e desafios de seu tempo.

Portanto, o duplo propósito de Lucas é tanto eclesiológico quanto apologético. Eclesio Logicamente, ele visa fortalecer a comunidade cristã, mostrando que a salvação oferecida por Jesus é o cumprimento das promessas divinas. Ideologicamente, Lucas defende a identidade cristã, exaltando a figura de Jesus e mostrando que seu movimento é legítimo e universal. Essa defesa é reforçada em Atos, onde a Igreja, sob a direção do Espírito Santo, continua a obra de Jesus e dá testemunho ao mundo, provando que o cristianismo é uma extensão natural do plano redentor de Deus, agora acessível a todos os povos e nações.

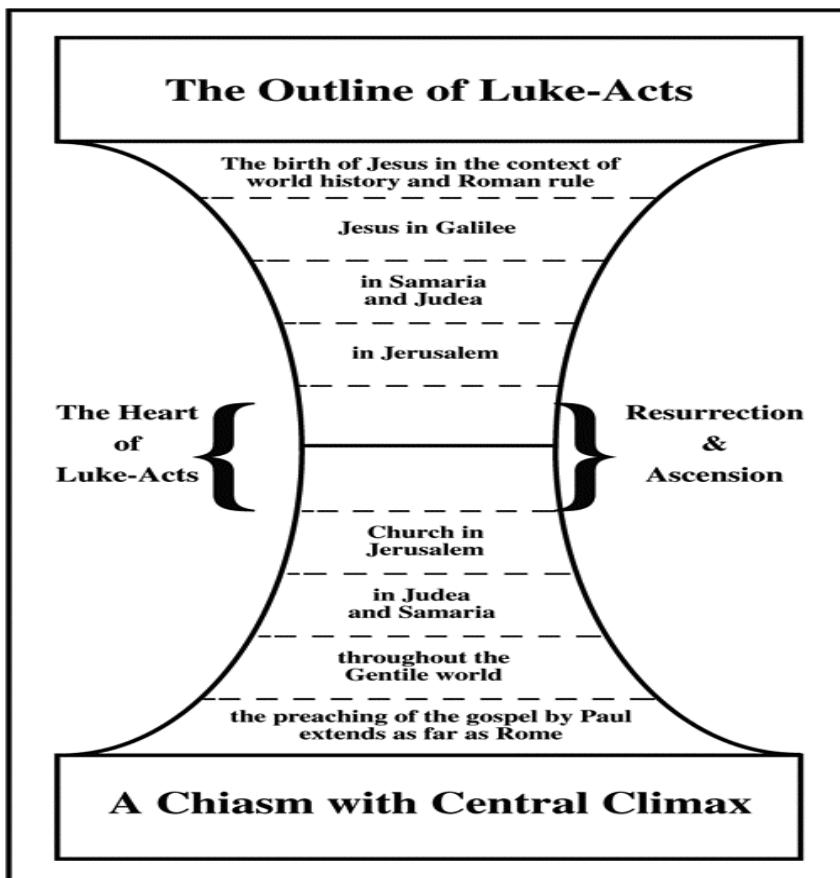
Estrutura: A estrutura do Evangelho de Lucas segue um padrão narrativo semelhante ao dos outros evangelhos sinóticos, mas com algumas diferenças notáveis. A narrativa começa com uma extensa introdução sobre o nascimento e a infância de Jesus (capítulos 1-2), passando, em seguida, para o ministério público de Jesus, que se concentra inicialmente na Galileia (capítulos 4-9). Um elemento característico de Lucas é a “Seção de Viagem” (capítulos 9-19), onde Jesus segue em direção a Jerusalém, um tema central no evangelho, culminando em sua morte e ressurreição (capítulos 19-24). A ênfase teológica da estrutura de Lucas está na direção divina da missão de Jesus e no papel central de Jerusalém. Diferente de Mateus e Marcos, Lucas inclui muitas narrativas e parábolas exclusivas durante a viagem de Jesus a Jerusalém, simbolizando o caminho da redenção, que culminaria com sua Paixão e a ressurreição (Johnson, 1991).

Tendo como pressuposto a unidade de Lucas-Atos¹⁵, a questão geográfica é um fator estrutural importante, tanto que seguimos a proposta de Blomberg (2009) de

¹⁵ Bovon, 1989, p. 14, tradução nossa afirma: “A obra é composta por dois livros de igual extensão (duração média da época, provavelmente por razões econômicas). Enquanto o primeiro descreve a vida de Jesus, o segundo ilustra a difusão da nova mensagem por meio de algumas testemunhas importantes”. Rodríguez Carmona, 2008, p .279-281, esclarece que, na primeira metade do séc. XX,

estruturação dos dois livros, construída de forma concêntrica, conforme vista na figura abaixo:

Figura 1 – Estrutura concêntrica de Lucas-atos



Fonte: Blomberg, 2009, p. 162.

Tendo a estrutura, proposta por Blomberg (2009, p. 162-163, tradução nossa), ficado dessa forma:

I. Introdução ao Ministério de Jesus (1:1–4:13)

A. Prefácio (1:1–4)

há um entendimento sobre a unidade de Lc-At; e, em outra obra (2012, p. 267), ele reafirma o que declara sobre a unidade alcançada no séc. XX (2008), embora faça a ressalva de que tal fato é aceito “pela maioria dos exegetas” (grifo acrescentado). Aune (1989, p. 77, tradução nossa) assevera que “O Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos originalmente constituíam uma obra de dois volumes de um único autor”. Blomberg (2009, p. 161-163) apresenta os dois livros como sendo obra de um mesmo autor e enfatiza o aspecto geográfico como item unificador. Perondi, 2015, p. 59, em sua tese doutoral atesta que: “A dúplice obra lucana forma um único projeto literário. Isto fica evidente quando se olha com atenção o esquema geográfico-teológico, dos dois livros, que se centram na cidade de Jerusalém, mas com diferenças que indicam a progressão do projeto lucano”. Como Rodríguez Carmona aclarou, desde o segundo quarto do séc. XX, essa é a tendência da maioria.

- B. Introdução a João Batista e Jesus (1:5–2:52)
- C. Preparação para o Ministério de Jesus (3:1–4:13)
- II. Ministério em e ao redor da Galileia (4:14–9:50)
 - A. Pregação em Nazaré (4:14–30)
 - B. Uma Introdução ao Ministério de Cura de Jesus (4:31–44)
 - C. Chamando os Primeiros Discípulos (5:1–11)
 - D. Uma Série de Controvérsias com os Líderes Judeus (5:12–6:11)
 - E. A Chamada para o Discipulado Formalizada (6:12–49)
 - F. Focando na Questão da Identidade de Jesus (7:1–8:3)
 - G. Ouvindo a Palavra de Deus Corretamente (8:4–21)
 - H. Ilustrações da Palavra Autoritativa de Jesus (8:22–56)
 - I. O Clímax Cristológico (9:1–50)
- III. Ensinamentos de Jesus “A Caminho” de Jerusalém (9:51–18:34)
 - A. Discipulado com Olhar na Cruz (9:51–62)
 - B. A Missão dos Setenta e Dois (10:1–24)
 - C. O Duplo Mandamento do Amor (10:25–42)
 - D. Ensinamentos sobre a Oração (11:1–13)
 - E. Controvérsia com os Fariseus (11:14–54)
 - F. Preparação para o Julgamento (12:1–13:9)
 - G. Reversões do Reino (13:10–14:24)
 - H. Custo do Discipulado (14:25–35)
 - I. Buscando e Salvando os Perdidos (15:1–32)
 - J. O Uso e Abuso das Riquezas (16:1–31)
 - K. Ensinamentos sobre a Fé (17:1–19)
 - L. Como o Reino Virá (17:20–18:8)
 - M. Como Entrar no Reino (18:9–30)
 - N. Conclusão e Transição (18:31–34)
- IV. Jesus na Judeia: Ministério Perto e em Jerusalém (18:35–21:38)
 - A. De Jericó a Jerusalém (18:35–19:27)
 - B. Entrada em Jerusalém (19:28–48)
 - C. Ensinamentos de Jesus: A Semana Final (20:1–21:38)
- V. O Clímax da Vida de Jesus (22:1–24:53)
 - A. Páscoa (22:1–71)
 - B. Crucificação (23:1–56)
 - C. Ressurreição (24:1–53)

2. As singularidades de Lucas para com Mateus e Marcos

Apesar das semelhanças, vistas nas unidades 2 e 3, Lucas também se distingue de Mateus e Marcos em vários aspectos, dos quais vamos ver alguns aqui.

A identificação, mas não a descrição e desenvolvimento, dos cinco itens abaixo, se encontra em Carson e Moo (2024).

A importância central do plano de Deus em Lucas-Atos, evidenciado pela partícula grega “δεῖ” (é necessário): O termo grego “δεῖ” (dei), que significa “é necessário”, aparece diversas vezes em Lucas-Atos e destaca a convicção de que tudo o que acontece na vida e missão de Jesus faz parte do plano divino. Desde o nascimento de Jesus até sua morte e ressurreição, Lucas demonstra que esses eventos não são acidentais ou humanos, mas obedecem à vontade soberana de Deus. Esse uso de "dei" reflete a ideia de que a história da salvação está sendo cumprida de acordo com o plano predeterminado de Deus, e os acontecimentos são, portanto, inevitáveis.

Foco na salvação: Um tema central em Lucas é a salvação (soteria). O Evangelho apresenta Jesus como o Salvador enviado para trazer libertação, tanto espiritual quanto física, para todos os povos. Desde o cântico de Simeão (Lc 2:30) até os discursos sobre o Reino de Deus, Lucas enfatiza que a salvação é oferecida por meio de Jesus. Essa salvação inclui o perdão dos pecados, mas também uma renovação completa da pessoa e da sociedade. O foco em "salvação" não é restrito a uma promessa futura, mas algo que já se manifesta na vida presente através da ação de Jesus e da igreja. Marshal comenta sobre isso:

As notas principais soadas no início são as ideias de salvação e boas novas. O ensino, as curas e os atos de compaixão mostrados por Jesus são partes da proclamação das boas novas, e a mensagem de Jesus é resumida com precisão ao dizer: "O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido." Lucas enfatiza particularmente como esta salvação é para todos os que são pobres e necessitados e o impacto total do Evangelho é mostrar a "largura da misericórdia de Deus" (Marshall, 1978, p. 35-36, tradução nossa).

Ênfase nos gentios como destinatários finais da salvação de Deus, sem ignorar os judeus: Embora a missão de Jesus comece entre os judeus, Lucas é o Evangelho que mais explicitamente expande essa missão para os gentios. Desde o início, com a genealogia que vai até Adão, Lucas apresenta Jesus como o Salvador de toda a humanidade. Ao longo do Evangelho e especialmente em Atos, fica claro que o Evangelho é para todos os povos, com um foco especial nos gentios. No

entanto, Lucas não ignora os judeus, apresentando Jesus como o cumprimento das promessas feitas a Israel, destacando que a salvação se destina primeiro a eles, mas também aos gentios (Lc 2:32).

Uso do dinheiro por parte dos discípulos: O Evangelho de Lucas trata extensivamente sobre o uso e o perigo das riquezas. Lucas critica aqueles que confiam nas riquezas e destaca o valor do desapego material em prol do Reino de Deus. Jesus ensina os discípulos a usar o dinheiro de forma justa e generosa, encorajando a partilha com os necessitados e alertando contra a avareza (Lc 12:15). Vários ensinamentos em Lucas, como a parábola do rico insensato (Lc 12:16-21) e a história de Zaqueu (Lc 19:1-10), reforçam a importância do uso ético e compassivo das posses. No contexto de discipulado, Lucas sugere que os recursos financeiros devem ser usados para promover a justiça e apoiar os marginalizados.

Interesse de Jesus pelos marginalizados: Uma das singularidades mais notáveis de Lucas é sua ênfase na misericórdia de Deus e no cuidado pelos marginalizados. Jesus, em Lucas, é frequentemente mostrado em interação com os pobres, pecadores, samaritanos e mulheres, grupos que eram muitas vezes marginalizados na sociedade judaica do primeiro século. Isso é exemplificado em parábolas exclusivas, como a do bom samaritano (Lc 10:25-37) e a do filho pródigo (Lc 15:11-32), que ressaltam o perdão e a compaixão divina (Green, 1997). Perondi e Catenassi refletem sobre esse tema:

No Evangelho de Lucas, Jesus mostrou predileção por vítimas de um poder que criava uma situação de exclusão e opressão: doentes (Lc 4,40; 14,21-24), pobres, famintos (Lc 6,20-22; 16,19-31), pecadores (Lc 18,13-14), pagãos (Lc 7,1-10), crianças (Lc 18,15-17; 9,46-48). Ele é o ‘amigo de publicanos e pecadores’ (7,34). Para aqueles que estavam longe da vida cívica em Israel por incapacidade de cumprir todos os preceitos da Lei judaica ou para aqueles que haviam cometido o mal, a misericórdia que marca a ação de Jesus responde com o perdão irrestrito. No Evangelho de Lucas, Jesus é o protagonista dos grandes perdões: do perdão à mulher pecadora (7,36-50), a Zaqueu (19,1-10), ao malfeitor arrependido (23,39-43) e também o perdão ao ‘filho pródigo’ da parábola (15,11-32). Na cura do paralítico, a cura acontece para que os ouvintes de Jesus saibam que o Filho do Homem tem poder de perdoar os pecados na terra (5,17-26). No terceiro Evangelho, o chamado dos primeiros discípulos se dá também num momento de pesca, mas diferente de Marcos e Mateus. A condição de Pedro é de ‘pecador’ (Lc 5,8) e não de pescador e, a

partir da Palavra de Jesus, deixa de chamá-lo de ‘mestre’ e passa a nomeá-lo ‘Senhor’. Jesus vem em busca dos pecadores e excluídos pela religião. É a partir do encontro e da experiência misericordiosa com Jesus que surgem as mudanças de vida. O arrependimento, a conversão, o retorno, o encontro... A mudança radical de vida de quem estava perdido é expressa com a palavra *metanoia*, que significa também uma mudança de mentalidade. Espera-se então um novo começo de vida, uma oportunidade nova que Jesus oferece gratuitamente” (Perondi; Catenassi, 2016, p. 20-21).

Wright, reflete sobre a importância e singularidade do evangelho lucano e complementa a visão de Lucas como um evangelista que não apenas narra eventos históricos, mas também oferece uma profunda compreensão teológica e cultural, conectando a missão de Jesus com o plano divino e a inclusão de todos os povos na salvação:

Lucas nos disse que teve a chance de se distanciar dos acontecimentos extraordinários que estavam em curso, de conversar com as pessoas envolvidas, de ler alguns escritos antigos e de elaborar sua própria versão integral para que os leitores pudessem conhecer a verdade sobre as coisas que têm a ver com Jesus. Ele foi um homem educado e culto, o primeiro historiador de fato a escrever sobre Jesus. Seu livro coloca Jesus não só no centro do mundo judeu do século 1, como também no centro do mundo romano, onde explodiu o evangelho cristão, o qual ele estava destinado a transformar de forma radical (Wright, 2020c, p. 12-13).

Wright e Bird detalham em uma tabela (reproduzida abaixo), material exclusivo do Evangelho de Lucas (embora, não coloquem tudo, por exemplo, deixam de fora o diálogo de Jesus com o ladrão na cruz encontrado no capítulo 23), antes, porém eles fazem uma ressalva:

Lucas recebeu várias tradições sobre Jesus a partir de diversas fontes (veja Lc 1:1-2). Nos materiais que ele recebeu de Marcos e na tradição dupla que ele tem em comum com Mateus, podemos observar algo sobre a mão editorial de Lucas em seus vários resumos, reformulações, omissões e glosas. Nas outras passagens, Lucas conta com um conjunto de informações, histórias e frases que se encontram somente em seu evangelho, que são de sua própria autoria, proveniente das Fontes às quais apenas ele teve acesso. Esse material exclusivo do Lucas é chamado em geral de “L”, correspondendo a “Especial de Lucas” (Wright; Bird, 2023, p. 595).

Quadro 1 – Material exclusivo do Evangelho de Lucas

Pregação de João Batista	3:10-14	Cura de um homem com edema	14:1-5
Milagres de Elias para os gentios	4:25-27	Parábola dos lugares especiais no banquete	14:8-10, 12-14
Jesus ressuscita o filho da viúva de Naim	7:11-15	Avaliando o preço de seguir Jesus	14:28-32
O perdão da mulher pecadora	7:36-47	Parábola da ovelha perdida	15:4-6
Parábola do bom samaritano	10:30-37	Parábola da dracma perdida	15:8-9
Conflito entre Marta e Maria	10:39-42	Parábola do filho pródigo	15:11-32
Parábola do amigo inoportuno	11:5-8	Parábola do mordomo infiel	16:1-8
Parábola do rico insensato	12:16-20	Parábola do rico e Lázaro	16:19-31
Parábola do servo vigilante	12:35-38	Ensinos sobre o pecado, a fé e o dever	17:7-10
Aviso de arrependimento para não perecer	13:1-5	Cura dos dez leprosos	17:12-18
Parábola da figueira estéril	13:6-9	Parábola do juiz injusto	18:2-8
Cura da mulher encurvada	13:10-17	Parábola do fariseu e do publicano	18:10-14
Alerta sobre Herodes	13:31-32	História de Zaqueu	19:1-10

Fonte: Wright e Bird, 2023, p. 595.

Embora o Evangelho de Lucas tenha muitas características distintas, como ser o mais extenso dos três Evangelhos Sinóticos tanto em termos de palavras quanto de conteúdo narrativo, por uma questão de espaço, limitamo-nos a apresentar apenas alguns itens. Lucas não só supera Mateus e Marcos em número de palavras, mas também inclui histórias e parábolas exclusivas, como a do Bom Samaritano e a do Filho Pródigo.

3. Principais Temas Teológicos do Evangelho de Lucas

Alguns temas importantes são encontrados em Lucas, dentre eles se destacam a universalidade da salvação, Jesus como Mestre, a cristologia (títulos cristológicos e soteriologia), a pneumatologia, a escatologia, o discipulado, a missão de Jesus e dos discípulos, e, oração e alegria.

Universalidade da Salvação: No Evangelho de Lucas, a salvação é retratada como universal, abrangendo todos os povos e não apenas Israel. Desde o início, a narrativa sugere que Jesus é o Salvador de toda a humanidade, conforme profetizado

por Simeão ao dizer que Jesus seria "luz para revelação aos gentios" (Lc 2:32). Lucas expande o conceito de salvação, enfatizando que ela não é limitada a um grupo étnico ou religioso específico, mas é oferecida a todos — judeus, gentios, pobres, ricos, marginalizados e mulheres. A inclusão dos gentios é especialmente destacada no livro de Atos, onde a missão dos discípulos se espalha além de Jerusalém. Esse tema reforça a ideia de que a obra redentora de Cristo transcende fronteiras culturais e sociais, anunciando o Reino de Deus para todos que aceitam o Evangelho. Arruda Júnior, complementa:

O Evangelho segundo Lucas apresenta um foco particularmente amplo e inclusivo em relação à salvação oferecida por Jesus... E esta salvação tem um enfoque universal, ou seja, é destinada a todos e todas, a todos os povos e a cada nicho, grupo, dentro destes povos, como bem explica Fitzmyer (2008, p. 187): "Outro aspecto da distinta visão lucana da história da salvação é sua dimensão universalista. A nova irrupção da atividade salvífica divina na história humana inclui a extensão da salvação a pessoas fora do antigo povo escolhido de Deus" (Arruda Junior, 2024, p. 109).

Jesus como Mestre¹⁶: Este fato, se nota na caracterização do início do ministério de Jesus, em Lucas: “**Ensinava** em suas sinagogas [...] **ensinava**-os aos sábados [...] impondo as mãos sobre cada um, **curava**-os. [...] E **pregava** pelas sinagogas da Judeia” (Lc 4,15.31.40.44, grifo nosso, BJ). Na verdade, poder-se-ia dizer que tanto a **pregação¹⁷** quanto a cura são outras formas de ensino. No Evangelho segundo Lucas, há substantivos e verbos que apontam para a tarefa de ensinador exercida por Jesus. Os **substantivos** que Lucas utilizou para falar de ensino/ensinador foram três. Um deles pode se referir às duas coisas e os outros dois apontam para a tarefa de professor/mestre: 1) διδαχή – “ensino” (significa tanto a atividade de ensinar quanto o conteúdo do que é ensinado [Arndt et al, 2000, p. 241,

¹⁶ Baseado em: Arruda Junior (2022).

¹⁷ “Alguns estudiosos tentam diferenciar entre ‘ensino’ e ‘pregação’, alegando que o ensino se relaciona principalmente com os diálogos polêmicos que ocorreram entre Jesus e os líderes religiosos nas sinagogas, enquanto a pregação é essencialmente a proclamação das Boas Novas. Mas tal distinção é difícil de manter, visto que o Sermão da Montanha é introduzido pela forma ‘e ele começou a ensiná-los’ (5:2, TEV). Uma distinção válida pode, entretanto, ser encontrada no nível da forma ao invés do conteúdo. Seja ensinando e pregando, Jesus é o arauto prometido das boas novas, que ele proclama nas sinagogas e ao longo das estradas. No entanto, a forma desta mensagem pode ser diferente na sinagoga do que em outros lugares” (Newman; Stine, 1992, p. 99, tradução nossa).

tradução nossa]); 2) διδάσκαλος – “professor” (Arndt *et al*, 2000, p. 241); “mestre” (aquele que ensina; que sabe, oposto a μαθητής. [Rusconi, 2005, p. 130]); 3) ἐπιστάτης “mestre” (sua presença só acontece em Lucas no NT). Os **verbos** usados por Lucas, para a tarefa de ensino de Jesus, foram quatro: 1) ὑποδείκνυμι (dar instrução ou direção moral [Arndt *et al*, 2000, p. 1037]; indicar, mostrar, ensinar [Rusconi, 2005, p. 473]; 2) διερμηνεύω (traduzir ou esclarecer algo de forma a torná-lo compreensível, explicar, interpretar [este último é o sentido encontrado em Lucas, Arndt *et al*, 2000, p. 244]); 3) διανοίγω (abrir, explicar/interpretar [Arndt *et al*, 2000, p. 234]); 4) διδάσκω (contar o que fazer/instruir; fornecer instrução em um ambiente formal ou informal/ensinar [Arndt *et al*, 2000, p. 241]).

Esses vocábulos mostram como é forte e explícita a figura de Jesus como um Professor/Mestre abalizado e que transmite um conteúdo autorizado e enviado por Deus. Em Lucas, Jesus é o mestre por excelência, o que ensina tanto para esta vida quanto para a futura. Seu ensino não tem rival, sua ética é ímpar, o resultado de suas ministrações é transformação na vida dos que acolhem e juízo para os que rejeitam.

Cristologia:

Títulos Cristológicos e Soteriologia: A cristologia de Lucas apresenta Jesus com uma variedade de títulos que revelam sua identidade e missão. Entre os títulos mais importantes estão "Filho de Deus", "Filho do Homem" e "Messias". O título "Filho de Deus" destaca a relação íntima e única de Jesus com o Pai, enquanto "Filho do Homem" se refere à sua identificação com a humanidade e sua missão como o servo sofredor. Além disso, o título "Messias" aponta para Jesus como o Ungido de Deus, aquele que cumpre as promessas messiânicas do Antigo Testamento. Na soteriologia de Lucas, a salvação é uma obra realizada por Jesus que envolve a libertação do pecado, a cura física e espiritual, e a inclusão no Reino de Deus. Essa obra redentora é demonstrada em atos de compaixão e misericórdia, culminando em sua morte e ressurreição.

Pneumatologia: O papel do Espírito Santo é central no Evangelho de Lucas e em Atos, sendo mencionado desde o início da narrativa com o nascimento de João Batista e Jesus. Lucas destaca a atuação do Espírito em momentos cruciais, como o batismo de Jesus, onde o Espírito desce sobre ele em forma de pomba, simbolizando a unção divina para sua missão (Lc 3:22). Além disso, o Espírito Santo conduz Jesus ao deserto e o capacita para pregar, curar e realizar milagres. Essa pneumatologia continua em Atos, onde o Espírito é o poder capacitador da Igreja primitiva, orientando os discípulos em sua missão. A narrativa de Lucas sublinha a dependência do cristão no Espírito Santo para viver uma vida de obediência, serviço e testemunho no mundo.

Escatologia: A escatologia lucana é mais moderada em comparação com os outros Evangelhos Sinóticos, mas não menos significativa. Lucas equilibra a tensão entre o "já" e o "ainda não" do Reino de Deus. De um lado, o Reino já está presente na pessoa e na obra de Jesus, como ele declara em várias ocasiões, como em Lucas 17:21: "o Reino de Deus está entre vós". De outro lado, Lucas também aponta para a consumação futura desse Reino, que será plena na segunda vinda de Cristo. Jesus ensina sobre a vigilância e prontidão dos discípulos em relação ao fim dos tempos, alertando para o julgamento futuro, mas enfatizando que a salvação já começou na

história. A mensagem escatológica de Lucas é um convite à esperança e fidelidade, vivendo no presente à luz da vinda definitiva do Reino.

Discipulado: O discipulado em Lucas é um tema vital, com ênfase na resposta radical ao chamado de Jesus. O discipulado, em Lucas, requer total compromisso, como ilustrado na chamada para "negar a si mesmo, tomar a cruz e seguir" a Cristo (Lc 9:23). Lucas retrata os discípulos como aqueles que devem abandonar tudo para seguir Jesus, exemplificado em episódios como o chamado dos pescadores (Lc 5:1-11) e a renúncia de Zaqueu (Lc 19:1-10). O Evangelho também sublinha a necessidade de uma vida de oração, humildade e serviço como características essenciais do verdadeiro discípulo. A obediência aos ensinamentos de Jesus e a disposição para compartilhar a salvação com outros são marcas de um discipulado autêntico.

Missão de Jesus e dos Discípulos: A missão de Jesus, conforme descrita em Lucas, é multifacetada, envolvendo tanto a proclamação do Reino de Deus quanto a cura e a libertação de indivíduos das forças opressivas do pecado e da morte. Jesus declara sua missão em Lucas 4:18-19, citando Isaías, ao dizer que foi enviado para pregar boas novas aos pobres, libertar os oprimidos e proclamar o ano aceitável do Senhor. Essa missão é ampliada aos seus discípulos, que, em continuidade, recebem a tarefa de anunciar o Reino de Deus e testemunhar de sua salvação até os confins da terra (At 1:8). A missão não é apenas local, mas universal, e os discípulos são chamados a agir em nome de Jesus, continuando seu ministério de pregação, cura e serviço ao longo de suas jornadas missionárias.

Alegria e Oração: O Evangelho de Lucas é conhecido por destacar de maneira singular a alegria como uma resposta à obra de Deus, especialmente em relação à salvação. Desde os primeiros capítulos, a alegria é evidente nos cânticos de Maria (o Magnificat), de Zacarias (o Benedictus) e dos anjos no nascimento de Jesus, que proclaimam "boas novas de grande alegria" (Lc 2:10). Essa alegria não está apenas associada a eventos milagrosos, mas também à resposta daqueles que experimentam a salvação de Jesus. Além disso, Lucas sublinha a importância da oração na vida de Jesus e de seus discípulos. Jesus é retratado constantemente em oração, desde seu batismo até o momento de sua crucificação. Ele também ensina os discípulos a orar,

como no Pai Nossa (Lc 11:1-4), e os incentiva a orar com persistência e fé (Lc 18:1-8). A alegria e a oração estão entrelaçadas como expressões de uma vida cheia do Espírito, mostrando que a verdadeira comunhão com Deus gera tanto uma profunda alegria quanto uma contínua dependência em oração.

Luke T. Johnson, elabora o que ele chama de sub temas teológicos-literários encontrados no Terceiro Evangelho (embora, ele use dois temas que são centrais – a salvação a importância da palavra de Deus), eles são vistos abaixo no quadro 2:

Quadro 2 – Sub Temas teológicos-literários encontrados em Lucas

Temas	Resumo
Afirmação do Mundo	Lucas-Atos é positivo em relação ao mundo, vendo-o como criação de Deus e arena da história e atividade humana. Valoriza o tempo e a cultura humana, mostrando a compatibilidade entre cristianismo e cultura
A Grande Reversão	Crítica as expectativas religiosas e valores sociais humanos, proclamando uma grande reversão onde os poderosos são derrubados e os marginalizados são elevados e aceitos por Deus
Salvação	Enfatiza a salvação como tema central, mostrando Jesus como o Salvador que veio para salvar os perdidos. Destacado em parábolas como a da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho perdido
A Palavra de Deus	A Palavra de Deus é poderosa e se expande através do Espírito Santo, acompanhada por sinais e maravilhas. A resposta humana de fé é definida em termos de ouvir e obedecer a Palavra de Deus
Conversão	A conversão exige uma mudança de vida e comportamento social em imitação de Deus. Exemplos incluem o arrependimento pregado por João Batista e a conversão de Paulo
A Resposta de Fé	A fé é uma resposta à fidelidade de Deus, combinando a obediência à Palavra e a perseverança. A prática da oração é essencial, e a hospitalidade e o uso adequado das posses são sinais de uma vida transformada pela graça de Deus

Fonte: Elaborado e traduzido com base em Johnson, 1991, p. 21-24.

4. Sugestões de aplicações práticas da Teologia de Lucas

Inclusão social e acolhimento: A teologia de Lucas destaca Jesus como o acolhedor dos marginalizados, incluindo os pobres, doentes, mulheres e pecadores. O tema da inclusão social se desdobra na prática de uma igreja que deve ser um reflexo do Reino de Deus, aberto a todos, independentemente de classe social, etnia ou condição moral. O exemplo de Cristo, que se associa com os excluídos, aponta para uma comunidade que rompe barreiras sociais e culturais, promovendo dignidade e restauração. Pastoralmente, isso chama os cristãos a exercitar hospitalidade radical, tornando-se agentes de transformação em um mundo marcado pela exclusão, e a ver cada pessoa como imagem de Deus, digna de amor e acolhimento.

Perdão e reconciliação: No Evangelho de Lucas, o perdão emerge como um tema central na mensagem de salvação de Jesus. A parábola do Filho Pródigo (Lc 15:11-32) encapsula a profundidade do perdão divino e a chamada à reconciliação com Deus e com o próximo. Esse ato de perdoar é essencial para a vida comunitária, onde as feridas e ofensas são inevitáveis, mas a reconciliação reflete a graça de Deus em ação. Pastoralmente, o perdão não é apenas um ato individual, mas um processo de cura que envolve tanto quem perdoa quanto quem é perdoado, promovendo a paz e restaurando relações quebradas. A prática do perdão reflete o próprio coração de Deus e abre espaço para a manifestação do Reino.

Uso ético dos bens materiais: A relação com as riquezas é um tema recorrente no Evangelho de Lucas, que adverte contra o perigo do apego aos bens materiais. Jesus ensina que o verdadeiro discípulo deve usar seus recursos em prol dos necessitados, como vemos na parábola do rico insensato (Lc 12:13-21) e do bom samaritano (Lc 10:25-37). O uso ético dos bens reflete uma postura de dependência de Deus, que concede tudo para que seus filhos possam repartir com generosidade. Na perspectiva pastoral, isso significa guiar a comunidade a desapegar-se do consumismo e da avareza, e, em vez disso, promover a justiça econômica, a partilha e o cuidado com os mais vulneráveis, como expressão concreta do amor cristão.

Fidelidade na oração e confiança em Deus: Lucas apresenta Jesus como um homem de oração constante, ressaltando a importância de um relacionamento íntimo com o Pai. Desde a oração no batismo (Lc 3:21) até o Jardim do Getsêmani

(Lc 22:39-46), o Evangelho retrata Jesus em diálogo contínuo com Deus, mostrando que a oração é uma fonte de força para enfrentar desafios e crises. Esse modelo de oração convida os cristãos a confiar incondicionalmente em Deus, especialmente nas adversidades. Pastoralmente, a igreja é chamada a nutrir uma vida de oração que seja perseverante e cheia de fé, encorajando os fieis a desenvolver uma confiança profunda na providência divina e a cultivar uma espiritualidade que dependa inteiramente do cuidado do Pai.

Alegria no serviço ao próximo: O Evangelho de Lucas é permeado por uma alegria genuína, expressa na missão e no serviço, como resposta ao cumprimento das promessas de Deus. A alegria no serviço não é apenas um sentimento passageiro, mas uma expressão do Reino que está presente em meio à dedicação ao próximo. Quando Jesus envia os setenta discípulos (Lc 10:1-20), eles retornam cheios de alegria pela missão cumprida. Pastoralmente, isso ressalta que a alegria é uma consequência natural de uma vida de serviço e fidelidade a Deus. O serviço ao próximo não é uma obrigação pesada, mas uma oportunidade de participar do amor divino, experimentando a alegria que surge ao ver vidas transformadas e necessidades supridas.

Missão e evangelização: A missão de Jesus é um dos temas centrais no Evangelho de Lucas, que destaca a preocupação de Cristo com todos, especialmente os marginalizados e gentios. Jesus declara que veio "buscar e salvar o que estava perdido" (Lc 19:10), e esse mandato é transmitido aos seus discípulos. A missão evangelizadora é, assim, tanto um dever quanto um privilégio dos seguidores de Cristo, que são chamados a continuar seu ministério, proclamando a salvação a todas as nações. Pastoralmente, a missão se traduz em um apelo à igreja para ser uma comunidade missionária, engajada em testemunhar o amor e a justiça de Deus no mundo. Essa tarefa envolve não apenas a pregação, mas também o cuidado ativo pelos necessitados.

Alegria e oração: Lucas revela uma profunda conexão entre a vida de oração e a experiência de alegria na fé cristã. Desde os hinos de louvor no início do Evangelho (Lc 1:46-55, 68-79) até a alegria dos discípulos após a ressurreição (Lc 24:52), a alegria é uma resposta natural ao agir de Deus. A oração, por sua vez, é um meio pelo

qual os fiéis entram em comunhão com o Pai, fortalecendo sua confiança e esperança. Pastoralmente, essas práticas estão interligadas: a oração contínua gera alegria, e a alegria sustenta a vida de oração. A igreja é chamada a cultivar ambas, reconhecendo que a vida cristã, mesmo em meio aos desafios, é marcada pela celebração da presença e das promessas de Deus.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS:

[Uma breve introdução teológico-literária do Evangelho de Lucas em dois vídeos do canal Bible Project Português:

Lucas 1-9. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ubXUcaXu8bQ>

Lucas 10-24. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UeUAAAs7hec>

LEITURA COMPLEMENTAR

Uma introdução sobre o cuidado de Jesus com os vulneráveis no Terceiro Evangelho pode ser encontrada aqui: ARRUDA JUNIOR, Vamberto M. Irmãos e irmãs: explorando o tema da salvação universal no Evangelho Segundo Lucas. **Cadernos de Sion**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 108-132, 2024. Disponível em: <https://ccdej.org.br/cadernosdesion/index.php/CSION/article/view/133>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta unidade apresentou uma introdução geral ao Evangelho de Lucas.

Primeiramente, as questões introdutórias foram tratadas, com destaque para a estrutura do Evangelho, que se caracteriza por sua narrativa detalhada e organizada, começando com o nascimento de Jesus e seguindo até sua ascensão. Lucas se destaca por seu estilo cuidadoso e preciso, com ênfase nos detalhes históricos e na inclusão de discursos e parábolas significativas de Jesus. A mensagem central do Evangelho de Lucas está relacionada à universalidade da salvação, mostrando que Jesus é o Salvador de toda a humanidade, com atenção especial aos marginalizados, como os pobres, os pecadores e os estrangeiros.

A unidade também explorou os principais temas teológicos presentes no Evangelho de Lucas. A inclusão é um tema central, destacando a atenção de Jesus por aqueles que estavam à margem da sociedade. O papel do Espírito Santo é outro aspecto importante, sendo retratado como essencial em cada etapa da vida e

ministério de Jesus, desde sua concepção até a sua missão após a ressurreição. O tema da oração também recebe destaque, com Lucas mostrando Jesus como um exemplo constante de vida de oração e dependência de Deus.

Por fim, a unidade enfatizou, através de sugestões de aplicação prática, que o Evangelho de Lucas convida seus leitores a uma vida de discipulado que inclui compaixão, serviço ao próximo e uma compreensão ampla da salvação de Deus. A narrativa lucana desafia a viver em oração constante e a reconhecer o papel do Espírito Santo, enquanto convida todos a participar da grande missão de Jesus, que se estende a todas as nações e grupos sociais.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE MONASTERIO, R. Introdução aos evangelhos sinóticos. In: CARMONA, A. R. **Evangelhos sinóticos e atos dos apóstolos**. Tradução de Alceu Luiz Orso. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012, p. 13-94 (Introdução ao estudo da Bíblia, v. 6).

ARNDT, W. F. et al. **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature (BDAG)**. 3rd.ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

ARRUDA JUNIOR, Vamberto M. Irmãos e irmãs: explorando o tema da salvação universal no Evangelho Segundo Lucas. **Cadernos de Sion**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 108-132, 2024. Disponível em: <https://ccdej.org.br/cadernosdesion/index.php/CSION/article/view/133>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ARRUDA JUNIOR, Vamberto M. **A força da palavra do mestre e a adesão do discípulo**: Exegese pragmalinguística de Lucas 5,1-11. 2022. 203f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

AUNE, D. E. **The New Testament in its literary environment**. Philadelphia: The Westminster Press, 1989.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manoel. **O Novo Testamento**: uma introdução histórica, retórico-literária e teológica. São Paulo: Vida Nova, 2021.

BAUM, Armin D. Synoptic Problem. In: GREEN, J. B.; BROWN, J. K.; PERRIN, N. (eds.). **Dictionary of Jesus and the Gospels**. 2nd. Ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 911-919.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2004.

BLOMBERG, C. L. **A confiabilidade histórica dos Evangelhos**. São Paulo: Vida nova, 2019.

BLOMBERG, C. L. **Jesus and the Gospels**: An Introduction and Survey. 2nd.Ed. Nashville: B&H Academic, 2009.

BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as escrituras**: introdução e comentário aos Evangelhos. São Paulo: Shedd Publicações, 2013.

BOVON, F. et al. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOVON, F. **Das Evangelium nach Lukas (Lk 1,1-9,50)**. Zürich: Benziger; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1989. (Evangelisch-Katholischer Kommentar Zum Neuen Testament, III/1).

BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 2004.

BURRIDGE, R. A. Gospel: Genre. *In:* GREEN, J. B.; BROWN, J. K.; PERRIN, N. (eds.). **Dictionary of Jesus and the Gospels.** 2nd. Ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 335-342.

CARSON, Donald A.; MOO, Douglas J. **Introdução ao Novo Testamento.** 2. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2024.

DESILVA David A. **An introduction to the New Testament:** contexts, methods and ministry formation. Downers Grove: InterVarsity Press, 2004.

DONAHUE, John R.; HARRINGTON, Daniel J. **The Gospel of Mark.** Collegeville, MN: The Liturgical Press, 2002. (Sacra Pagina Series, v. 2).

EDWARDS, James R. **The Gospel according to Mark.** Grand Rapids; Leicester, England: Eerdmans; Apollos, 2002. (The Pillar New Testament Commentary)

EDWARDS, James R. Markan Sandwiches the significance of interpolations in Markan Narratives. *In:* ORTON, David E. (org.). **The Composition of Mark's Gospel.** Leiden: Koninklijke Brill NV, 1999, p. 192-215. (Brill's Readers in Biblical Studies, v. 3).

FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. **Os evangelhos I.** 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FABRIS, R. Lucas. *In:* FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os evangelhos II.** 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 9-247.

FITZMYER, J. A. **The Gospel according to Luke I-IX:** introduction, translation, and notes. New Haven; London: Yale University Press, 2008. (Anchor Yale Bible, vol. 28).

GOURGUES, M.; CHARPENTIER, E. Introdução aos Evangelhos. *In:* AUNEAU, J.; MARCONCINI, B. **Os Evangelhos sinóticos:** formação, redação e teologia. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

GREEN, J. B. **The Gospel of Luke.** Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997. (The New International Commentary on the New Testament).

GRILLI, Massimo. **Vangeli sinottici e Atti degli apostoli.** Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2016.

GUELICH, Robert A. **Mark 1-8:26.** Dallas: Word, Incorporated, 1989. (Word Biblical Commentary, v. 34A).

GUIJARRO, S. A investigação recente sobre os Evangelhos: consensos e novas interrogações. **Theologica**, Braga, v. 53, n. 1-2, p. 137-149, 2018.

HAGNER, Donald A. **The New Testament**: A Historical and Theological Introduction. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

JOHNSON, Luke T. **The Gospel of Luke**. Collegeville: The Liturgical Press, 1991. (Sacra Pagina Series, vol. 3).

KLEIN; William W.; BLOMBERG Craig L.; HUBBARD JR., Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, R. D. **Convite à interpretação bíblica**: a tríade hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MARGUERAT, D. O evangelho segundo Lucas. In: MARGUERAT, D. (org.). **Novo testamento: história, escritura e teologia**. Tradução de Margarida Oliva. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 107-135.

MARCONCINI, Benito. **Os Evangelhos sinóticos**: formação, redação, teologia. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Bíblia e história).

MARSHALL, I. Howard. **The Gospel of Luke**: a commentary on the Greek text. Exeter: Paternoster Press, 1978. (New International Greek Testament Commentary).

NEWMAN, B. M.; STINE, P. C. **A handbook on the Gospel of Matthew**. New York: United Bible Societies, 1992.

OESTERREICHER John M. Judaism. In CARSON, Thomas. CERRITO, Joann. (eds.). **New Catholic Encyclopedia Vol. 8**: Jud-Lyo. 2nd. Ed. Farmington Hills; Washington: Gale Group; Catholic University of America, 2003, p. 2-14.

PERONDI, Illo; CATENASSI, Fabrizio Z. Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, UNISINOS, Ano 13, v. 13, n. 118, 2016. (cada edição é de apenas um artigo).

PERONDI, Illo. **A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17)**. O emprego do verbo splagchnizomai na perícope e no Evangelho de Lucas. 2015. 300f. Tese (Doutorado) – Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PINTO, Carlos O. C. **A estrutura literária do Novo Testamento**: argumento e desenvolvimento. 3. ed. São Paulo: Hagnos, 2021.

POWELL, Mark A. **Introducing the New Testament**: A Historical, Literary, and Theological Survey. 2nd. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2018.

RICE, George E. Interpretação dos Evangelhos e das epístolas. *In:* REID, George W. (ed.). **Compreendendo as Escrituras:** uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2007, p. 205-222.

RODRÍGUEZ CARMONA, A. A obra de Lucas (Lucas-Atos): dimensão literária. *In:* AGUIRRE MONASTÉRIO, R. (eds.). **A Obra de Lucas (Lucas-Atos).** Traduzido por Alceu Luiz Orso. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012, p. 265-366. (Introdução ao estudo da Bíblia, v. 6).

RODRÍGUEZ CARMONA, A. Historia de la exégesis Lucana. *In:* AGUIRRE MONASTÉRIO, R. (eds.). **La investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX.** 3. ed. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2008, p. 277-283. (Introducción al estudio de la Biblia, v. 11).

RUSCONI, C. **Dicionário do grego do Novo Testamento.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. (Coleção Theologia Publica, v. 2)

STEIN, Robert H. **Mark.** Grand Rapids: Baker Academic, 2008. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament).

STEIN, Robert H. **Luke.** Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992. (The New American Commentary, v. 24).

STOTT, John. **Homens com uma mensagem:** uma introdução ao Novo Testamento e aos seus escritores. Revisado por Stephen Motyer. Campinas: Editora Cristã Unida, 1996.

TENNEY, M. C. **O Novo Testamento sua origem e análise.** São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento:** uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

TURNER, David L. **Matthew.** Grand Rapids: Baker Academic, 2008. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament).

YINGER, Kent L. Jewish education. *In:* GREEN, J. B.; McDONALD, L. M. (eds.). **The World of the New Testament:** cultural, social and historical contexts. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2013, p. 325-329.

WRIGHT, Nicholas T; BIRD, Michael F. **O Novo Testamento em seu mundo:** uma introdução à história, à literatura e à teologia dos primeiros cristãos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

WRIGHT, Nicholas T. **Mateus para todos:** Mateus 1-15 parte 1. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

WRIGHT, Nicholas T. **Marcos para todos.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020b.

WRIGHT, Nicholas T. **Lucas para todos.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020c.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

f **@** /maltafaculdade

 www.faculdademalta.edu.br